DEZ. 2022 - EDIÇÃO 09

UNIVERSUS



AS MEMÓRIAS DA COPA

LEIA TAMBÉM:

QUANTO CUSTA UMA COPA

ACESSIBILIDADE DOS SONHOS

POR BAIXO DO HIJAB

EDITORIAL



Para ler ouvindo Meu Caro Amigo, do Chico Buarque de Hollanda

Meus caros amigos

Aqui na terra estão jogando futebol e a Copa do Mundo é o tema central desta 9ª edição da Revista Universus. Mas o que eu quero é lhes dizer que esta revista vai muito além do esporte: cruzamos o Atlântico buscando entender onde Brasil e Catar se encontram.

Organizados em editorias de política, cultura, economia e variedades, os alunos da disciplina Práticas em Jornalismo: Revista foram desafiados a desempenhar diferentes papéis na construção desta edição, desde a sua concepção até o projeto gráfico, emulando a vivência prática de uma redação para além da construção da reportagem.

A reflexão sobre temas transversais em nossa sociedade como acessibilidade, direitos humanos e direitos das mulheres foram essenciais para ampliar o olhar jornalístico na produção de reportagens aprofundadas e bem fundamentadas.

No encontro entre teoria e prática, os alunos da disciplina saíram às ruas em busca de torcedores, colecionadores de figurinhas, entusiastas do futebol, preparadores físicos, economistas, sociólogos, arquitetos e até mesmo pessoas que foram desapropriadas de suas casas em razão das obras da Copa. Buscaram fontes em palestras e grupos de redes sociais para tentar cruzar a distância de pouco mais de 11 mil quilômetros que os separam do maior evento de futebol do mundo.

Durante este processo, trabalharam em duplas e pequenos grupos, com orientações sistemáticas em sala de aula. As correções foram realizadas de forma a respeitar o estilo de texto de cada aluno, o que resultou em um material rico e dinâmico para o leitor.

Com a certeza de que construímos, a muitas mãos, uma revista que permanecerá relevante por muito mais tempo do que um campeonato, me despeço.

Os alunos aproveitam para também mandar lembranças.
A todo o pessoal, até breve!

Mely Paredes
Professora da disciplina Práticas em Jornalismo: Revista

O QUE VOCÊ PODE ESPERAR

As Lembranças da Copa

Torcedores brasileiros contam suas decepções, alegrias e perrengues, durante os mundiais que viveram

Guia da Copa do Mundo 2022

O que você precisa saber para acompanhar os jogos

A inflação das figurinhas

Como o aumento de preço das figurinhas afeta as bancas e os colecionadores em Porto Alegre

É Copa ou é política?

Mesmo com a polarização da política brasileira e o uso das cores da pátria como símbolo de determinado movimento político, torcedores não sentem vergonha de vestir a camisa da seleção

Violação dos direitos humanos no Catar: o que está por trás da cortina do espetáculo esportivo?

Instituições fiscalizadoras, clubes nacionais e jogadores protestam contra à FIFA pelas condições de trabalho no país árabe

Há direitos para as mulheres no Catar?

A falta de políticas públicas e as rígidas diferenças entre homens e mulheres para as cataris é vista com preocupação pelas brasileiras

Como a Copa do Mundo de 2022 mudou o cotidiano do Catar

Para sediar o maior evento de futebol do mundo, o país flexibilizou algumas de suas tradições mais rígidas, como a liberação de bebidas alcoólicas

A acessibilidade dos sonhos da Copa A acessibilidade dos sonhos da Copa

A evolução da acessibilidade na sociedade e a promessa do Catar de entregar a Copa mais acessível da história

Brasil x Catar: o que tem de igual entre países tão diferentes

O pequeno e rico país do Oriente Médio apresenta costumes e tradições um pouco diferentes dos brasileiros e até há quem diga que ambos países não possuem semelhanças entre si

Por debaixo do hijabe: a moda escrita por mulheres muçulmanas

A cultura da moda mostra como Brasil e Catar costuram pontes para além do poliéster e das tradições

A ironia da Copa no Catar

Sede da Copa do Mundo de 2022, o Catar não é o país do futebol e tem o críquete como um dos seus esportes mais tradicionais

A beleza entra em campo no Catar

Em época de Copa do Mundo tem quem veja outros benefícios dentro das quatro linhas. Além das habilidades no futebol, os jogadores também chamam atenção por seu padrão de beleza

Uma cobertura de gaúcho pra gaúcho

Repórteres do Grupo RBS embarcam para Copa do Mundo do Catar e prometem cobertura bairrista na busca do Brasil pelo hexa.

As Lembranças da Copa

Torcedores brasileiros contam suas decepções, alegrias e perrengues, durante os mundiais que viveram

por Emilena Gonçalves

Todo mundo sabe de uma coisa: o Brasil é o país do futebol. E em época de Copa do Mundo até aqueles que não vivenciam esse sentimento no dia a dia, entram no clima. Dizem que o futebol não se explica, mas se sente e se vive, e para os amantes do esporte é difícil conseguir colocar em palavras o que isso pode representar. Tristeza, felicidade e raiva são sentimentos que ficam aflorados seja para quem acompanha somente o mundial ou para quem a paixão vem desde criança, por influência da família, ou ainda aqueles que, depois de uma certa idade, passaram a apreciar. Mas o que une todos, é a alegria de torcer para a Seleção Brasileira.

A neurocientista Leticia Rodrigues, explica que o futebol é uma paixão que, do ponto científico, é considerada um tipo de emoção que ativa uma área primitiva básica do cérebro humano: a amígdala. Basicamente, é uma estrutura que controla emoções. De uma maneira geral, a Copa do Mundo mexe mais ainda, por ser algo coletivo e de toda sociedade. “Acredito que na sociedade, emoções fortes e motivação coletiva são contagiantes, o que também está relacionado ao nosso senso primordial de sobrevivência humana como grupo. Além do sentimento de esperança e pertencimento como nação”, afirma.

Tudo isso também pode explicar porque nosso humor pode ser definido de acordo com o resultado de uma partida. Ou também porque nos sentimos tão frustrados quando deixamos de fazer algum tipo de ritual em determinado jogo. Chega a ser engraçado como a empatia ou torcida por um time e, consequentemente, por resultado favorável se torna tão pessoal. Uma roupa que a pessoa não vestiu ou um ritual que ela deixou de cumprir faz parecer que fomos responsáveis diretos pelo resultado do jogo. “É fisiologicamente mais fácil se envolver emocionalmente a partir do nosso plano individual e deixar a amígdala dominar nossa razão e nos entregarmos à paixão”, diz a neurocientista.

Os momentos não são só de alegria, o futebol consegue fazer com que a paixão continue dentro de cada um, até mesmo quando sentimos raiva, isso porque é algo que nos faz bem. Para Letícia, chega ser divertido e estimulante, mesmo que o preço seja passar raiva e frustração. “Fora que mesmo sem gols ou vitória, se juntar com amigos e se emocionar juntos já vale muito a pena! E se rolar vitória, melhor ainda, pois aí nossa autoestima também vai às alturas, pois foi o nosso time que venceu”, explica.



Ynara e seus amigos, em uma das Copas do Mundo em que participou. Imagem: Arquivo pessoal

Que coisa linda é o futebol

Para quem tem esse amor, o sonho de vivenciar uma Copa do Mundo é grande. Ynara Correa, de 51 anos, é apaixonada por esportes em geral. Contudo, o amor pelo futebol começou na adolescência, após ir em um bar assistir o jogo entre Palmeiras e Corinthians com seus amigos. Na época, a mesma não tinha nenhuma ligação com o futebol, porém, após o duelo, começou a torcer pelo Corinthians e ir ao estádio toda semana: “Depois que eu fiquei apaixonada por futebol, eu tinha o sonho de ir para uma Copa do Mundo”, conta. Mesmo sendo estagiária e ganhando muito pouco, ela conseguiu ir à Copa de 1994. “Comprei um pacote pagando em 20x e fui a partir das oitavas. Consegui assistir quatros jogos, Brasil x EUA e dei muita sorte que o Brasil ganhou”.

De lá para cá já foram cinco competições e, mesmo assim, Ynara acha todas especiais, seja pela cultura local, pelas companhias ou pelo clima que move o país. “A do Brasil foi super especial, pois estava com a família aqui. Mas se eu for eleger uma mais especial é a de 1994, por ter sido a minha primeira e ainda vi o Brasil ser tetra”, afirma.

Apesar de viver grandes momentos na Copa da África do Sul, a amante do futebol levou um susto no primeiro jogo do Brasil. Chegando perto do estádio com seus amigos ela foi confirmar se estava com seu ingresso e tinha esquecido em casa. Em cima da hora, como conseguir ingresso para assistir o Brasil? “Comecei a entrar em contato com amigos e tudo mais, no final das contas um amigo conseguiu um ingresso em camarote, com tudo pago, hospitalidade, comida e bebida, no final acabou sendo bem melhor”, relembra.

Essa paixão fez ela criar o Instagram @malucaporesportes para compartilhar todos esses momentos e histórias. A próxima história que ela vai contar será junto com 40 pessoas do Movimento Verde e Amarelo (MVA), a maior torcida do Brasil em todos os esportes, que estarão no Catar, naquela que tende a ser a Copa mais cara. Entretanto, isso não será impedimento para eles que, mais uma vez, vão puxar o cântico que os deixou popularmente conhecidos: “2002 fenômeno, primeiro tetracampeão, único penta é o Brasilzão. Ôôôô Brasil, olê olê olêêê.”

Com a vontade de ter vivido uma Copa do Mundo e prestes a completar 89 anos em dezembro, Silvio de Oliveira só não era nascido na primeira Copa, em 1930. Vindo de uma época totalmente diferente, desde pequeno já gostava de futebol, até porque no seu tempo era uma das brincadeiras mais baratas que tinha. Apesar de não se recordar muito, o mesmo tem em sua mente partidas que foram histórias, do 7 a 1 a virada do Uruguai na Copa de 1950 com gol de Ghiggia. Se muitos já nasceram na geração de assistir aos jogos na televisão, ele demorou para ter essa perspectiva. Embora acompanhe pela TV, ele segue sendo fã de rádio. “Sempre prefiro ouvir em rádio, acho mais emocionante”, diz.

Grande parte da torcida, ao longo dos anos, foi deixando esse sentimento de patriotismo de lado, seja por motivação política ou até mesmo pela Seleção já não ser a mesma de antes e o futebol ter mudado ao longo dos anos. Considerado um caso de ódio misturado com alegria, Silvio não acha que o seu sentimento tenha mudado ao longo dos anos. “Continua o mesmo, desde sempre, somos os melhores”, completa. Esse também é o sentimento de Rogério Batista, de 51 anos, que, na adoles-

cência, jogava bola nos times da sua cidade como goleiro, chegando a ganhar algumas medalhas. “Sempre fomos e sempre seremos os melhores. Às vezes dá raiva, mas depois passa. Acho que independente do que for, devemos apoiar nossa seleção”, afirma.

É tetra, é tetra

A Copa de 1994 foi especial para todos os brasileiros. A paixão dos torcedores pela bandeira estava viva sim dentro de cada um. Além disso, foi o ano da morte de Ayrton Senna, um símbolo do esporte nacional. Por isso aquela Copa era necessária, além de ser uma homenagem à nação, que estava precisando viver esse momento de alegria. E isso aconteceu. Hoje, mesmo aqueles que não eram nascidos na época, conhecem o vídeo com a narração de Galvão Bueno, abraçado a Pelé, gritando: “É TEEETRA, É TEEEETRA!”

A Ynara não ouviu a narração de Galvão na hora, mas a emoção dela foi completamente diferente, por estar no estádio e ver de pertinho tudo isso. “Ver o Brasil ganhar no ano que o Senna tinha morrido foi especial,e o Brasil precisava muito dessa alegria. Estar lá, em um calor absurdo do 12:00, e ver o Baggio chutar a bola na lua, foi indescritível”, rememora..

Com 23 anos na época, Rogério considera a Copa do Mundo de 1994 a melhor, pois foi a primeira que o gaúcho acompanhou. Mesmo não gostando de Galvão, não esconde que o final da partida com sua narração deixou tudo mais emocionante. “Foi muita alegria ver a Seleção sendo campeã, sempre gostei muito do Taffarel e do Romário. Comemorei a vitória no bar com os meus amigos”, diz.

O eterno 7 X 1

E não é só de alegria que o futebol brasileiro vive. Em 2014, quando o Brasil sediou esse momento, vivemos uma das partidas mais tristes da nossa Seleção. Fomos eliminados para Alemanha, já na semifinal, mas não foi a derrota que doeu, mas sim a maneira que foi, um placar de 7 a 1 que, para quem assistia na TV, parecia que era apenas um replay. “Foi terrível”, relembra Rogério. Foi uma tristeza muito grande perder de lavada, ainda mais pra Alemanha. Eu lembro que a cada gol eu ficava mais indignado com os jogadores, pra mim foi a pior seleção escalada”.

Para Ynara essa partida foi triste. “Fui com muitos amigos e estava vendo o jogo com meu filho, com 8 anos na época. Estávamos todos incrédulos e no intervalo meu filho falou para irmos embora. Eu acabei decidindo ir, já que era impossível virar aquele placar - de 5x0 no intervalo”, relata. Quando entrou no táxi, o Galvão já estava narrando o sétimo gol da Alemanha. “Foi um jogo histórico e triste para nós”. Esse é um dos momentos que seu Sílvio se recorda de primeira da Seleção, pois foi uma partida muito triste. Ao ser questionado sobre o que sentiu no jogo, ele apenas define em uma palavra: “Horrível”.



Torcedor logo após a derrota por 7 x 1. Imagem: Danilo Verpa - FolhaPress

Do penta...

“Rivaldo saiu, pro Ronaldinho, pé direito, bateu… GOOOOL GOOOOL”, narrou Galvão em 2002. Em junho deste ano, fez vinte anos dessa grande conquista. Muitos dos jovens ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar, já outros que estão na faixa dos quase 30 anos, ainda eram crianças e lembram de alguns flashs. “O gol do Ronaldinho Gaúcho me marcou, que ele encobre o goleiro contra a Inglaterra. Na final contra o Oliver Kahn, que pegou todas as bolas, o Ronaldo fez o gol na oportunidade e se não fosse ele, seríamos vice”, conta Daniel.

Se a Copa de 1994 foi dentro do estádio, o título de 2002, para Ynara, foi completamente diferente. “O Penta foi uma Copa diferente pra mim, pois além do horário que era péssimo, vi em várias cidades, Rio, São Paulo, a final acabei vendo na Argentina, Bariloche, no hotel. Depois do jogo final, saí sozinha na rua pra comemorar, conheci alguns brasileiros e comemorei lá com eles lá e depois no avião voltando.”

Considerado um ano importante para Rogério pelo nascimento do filho, o mesmo também estava ansioso para a Copa de 2002 e acompanhou cada partida.

“Acompanhei todos. Na época tinha um caderno em que eu marcava o resultado de todos os jogos”

Douglas Azevedo, de 17 anos, começou a entender de futebol aos 10 anos, vendo seu time do coração jogar. Na época do penta, o mesmo não era nascido. Contudo, sabe da importância e do peso da Seleção, no qual tem um amor. Questionado sobre o fato de apenas ouvir histórias sobre esse dia, o mesmo sente orgulho.

“Um orgulho, pois é a minha nação, mas ao mesmo tempo uma tristeza por nunca ter vivenciado a emoção.

...ao hexa

O único penta é o Brasil mas, se depender dos torcedores, em breve também seremos o único Hexa. Em uma amostra aleatória realizada com 193 pessoas espalhadas em grupos de WhatsApp de todo país, para construção desta reportagem, 162 acreditam no título. Ynara está bem confiante no Brasil, pois acredita no trabalho que o técnico Tite vem fazendo há seis anos e encerrar esse ciclo seria algo justo. “O Brasil é um dos favoritos, isso é fato. Mas é futebol, e futebol não é tão previsível, sempre tem surpresas, mas estarei lá para torcer, e o Brasil vai ter uma torcida bem forte e se Deus quiser seremos Hexa.”, finaliza Ynara.

E esse também é o sentimento de Rogério, que vive um misto de revolta pela última Copa, mas com esperanças de que esse ano vamos conseguir levantar a taça. “Eu tenho esperanças de que esse ano o Hexa venha, acho que vamos jogar muito. Espero poder comemorar o título com minha família”, finaliza. Não é só confiança que está movendo torcedor. Por ter uma grande tradição nos mundiais, Daniel acha que o título é quase uma obrigação, já que há tempos não ganha. E, embora nas últimas competições estivesse com um pé atrás, ele espera que o Brasil ganhe. “Está tudo a favor de nós: os jogadores da base surgindo, nossos atacantes, zagueiros e meia. Estamos melhor que os outros, se o Tite souber montar, a gente leva [o hexa]”.

Em alguns dias, o Brasil começa a escrever mais um capítulo dessa história. Daqueles que nunca viram um título ou não lembram, até aqueles que já vivenciaram grandes momentos, o grito do Hexa está guardado na garganta. A paixão dos brasileiros pelo futebol nunca será 100% explicada, seremos sempre o país que pinta as ruas de verde e amarelo, os que abraçam desconhecidos para comemorar o gol e que conhecem uma Copa do Mundo como ninguém. Evento esse que move até aqueles que não são tão ligados ao futebol devido a alegria que carregam. Deixamos todos arrepiados ao cantar o hino do nosso país em um jogo da Seleção, pois gritamos com orgulho essa paixão que nos move e nos une em grandes momentos e, na Copa do Mundo do Catar 2022, não será diferente.

Troféu da Copa do Mundo.Imagem: Rhett Lewis



GUIA DA COPA DO MUNDO 2022

Guia da Copa do Mundo 2022

O que você precisa saber para acompanhar os jogos

por Leonardo Duarte

E não é só de alegria que o futebol brasileiro A Copa do Mundo de 2022 vai acontecer no Catar nos dias 20 de novembro até 18 de dezembro. Para o mundial, o estádio Khalifa Internacional foi completamente reformado e outros sete foram construídos para receberem os 64 jogos da competição. O estádio Al Bayt, localizado na cidade Al Khor, será o responsável por receber Catar X Equador na abertura dos jogos da Copa no dia 20 de novembro às 13 horas.

Os duelos irão acontecer no intervalo de três horas entre o início de cada partida, tendo quatro partidas por dia, começando nos horários de 7h, 10h, 13h e 16h. A fase classificatória ocorre até dia 2 de dezembro quando as duas melhores seleções de cada grupo se classificam para as oitavas. O embate final do Mundial vai ocorrer no estádio de Lusail, o maior estádio da copa, com capacidade de mais de 80 mil pessoas.

Países classificados:

O Catar por ser país sede da competição se classificou automaticamente para o campeonato, as outras 31 vagas da competição foram definidas pelas eliminatórias de cada continente. As seleções campeãs do mundo classificadas para o mundial são: Brasil, França, Espanha, Inglaterra, Argentina, Alemanha e Uruguai. Além dos países Arabia Saudita, Austrália, Bélgica, Camarões, Canadá, Coreia do Sul, Costa Rica, Croácia, Dinamarca, Equador, Estados Unidos, Gana, Holanda,Irã, Japão, Marrocos, México, País de Gales, Polônia, Portugal, Senegal, Sérvia, Suíça, Tunísia.

Em maio, na cidade de Doha no Catar, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) realizou o sorteio dos grupos da Copa do Mundo, no evento foram definidos os confrontos iniciais da competição e futuros chaveamentos. Confira:

> *"O embate final do Mundial vai ocorrer no estádio de Lusail, o maior estádio da copa, com capacidade de mais de 80 mil pessoas."*



(Reprodução: FIFA)

Como chegam as cincos primeiras seleções do ranking da FIFA

Brasil:

Durante o ciclo de quatros anos, a Seleção Brasileira fez 45 pontos, pontuação histórica nas eliminatórias Sul-americanas para Copa do Mundo e assumiu o primeiro lugar do ranking das seleções da Fifa. Desde o jogo contra Bélgica pelas quartas de final da copa do mundo, o Brasil disputou 50 jogos e saiu vitorioso em 37 partidas.

Bélgica:

A segunda colocada do Ranking se classificou para a Copa do Mundo de forma invicta, de 10 partidas disputadas nas eliminatórias Europeias, os Belgas venceram oito e empataram duas. Entretanto, na Nations League, a seleção Belga ficou em segundo lugar na fase de grupos e não se classificou para as próximas fases da competição.

Argentina:

A seleção argentina está invicta há 35 partidas, desde 2019 no jogo contra venezuela os argentinos não sabem o que é perder. As maiores dúvidas da Argentina ficam por conta do departamento médico, onde Di María um dos principais titulares do time de Lionel Scaloni se machucou e deve se recuperar dias antes do Mundial a outra dúvida fica por conta de Dybala que teve lesão muscular.

Inglaterra:

Quinta colocada no ranking, vive momento turbulento em 2021, a Inglaterra foi vice-campeã da Eurocopa perdendo a final para a Itália nos pênaltis, além de ser rebaixada na Nations League em 2022. O jornal inglês The Athletic, chegou a cogitar a demissão do treinador Gareth Southgate ainda para a Copa do Mundo deste ano.

França:

Eliminada pela Suíça nas oitavas de final da Eurocopa de 2021 e terceira colocada na fase de grupos da Nations League. Didier Deschamps, treinador da França vive momentos de apreensão após perder N'Golo Kanté, que está fora da Copa, e sem saber se poderá contar com Paul Pogba.

Brasil na copa

A pentacampeã do mundo, Seleção Brasileira, estreia na competição contra a Sérvia no dia 24 de novembro, às 16h, no estádio de Lusail. Na segunda rodada da fase de grupos, no dia 28, às 13h, enfrenta a Suíça, no estádio 974 em Doha Por fim, na última rodada, novamente no estádio Lusail, às 16h, o Brasil enfrenta Camarões. Se passar da fase de grupos, o Brasil pode enfrentar o primeiro ou o segundo colocado do grupo H que tem como integrantes Portugal, Uruguai, Gana e Coreia do Sul.

Em um levantamento feito pelo UOL, o treinador da seleção Brasileira convocou 88 jogadores durante o período que antecede a Copa do Mundo do Catar. Os jogadores com mais convocações são os goleiros Alisson e Ederson, os zagueiros Marquinhos, Thiago Silva e Eder Militão, os laterais Alex Sandro e Danilo; os meios campistas Casemiro e Lucas Paquetá; e os atacantes Neymar e Richarlison. O último, Richarlison se machucou no dia 15 de outubro, durante o jogo contra o Everton. Naquele momento o jogador tinha virado dúvida para a Copa do Mundo. Entretanto, Antonio Conte, treinador do Tottenham, em entrevista coletiva confirmou a pouca gravidade da lesão no atacante Brasileiro.

"Se passar da fase de grupos, o Brasil pode enfrentar o primeiro ou o segundo colocado do grupo H que tem como integrantes Portugal, Uruguai, Gana e Coreia do Sul."



Paulo Paixão explica sobre as diferenças de uma copa do mundo realizada fora do calendário europeu. (Reprodução: Lauro Alves / Agencia RBS)

Copa de 2022

Pela primeira vez em 21 edições, a Copa do Mundo será realizada no Oriente Médio, também é a primeira vez que o campeonato mundial acontecerá nos meses de Novembro e dezembro, a mudança de data ocorre pelas fortes ondas de calor que atingem o país principalmente entre os meses de junho e setembro, onde a temperatura pode facilmente ultrapassar os 35 graus. Com a mudança de calendários, jogadores que atuam na Europa ou sobre o calendário europeu irão chegar ao mundial no meio da temporada, o Preparador Físico, campeão do mundo com a Seleção Brasileira em 2002, Paulo Paixão explicou que existe uma vantagem física da competição ser disputada durante o meio da temporada europeia. “Existe uma vantagem mas ela não é absoluta pois as competições que não seguem o calendário europeu foram adiantadas, gerando um desgaste em atletas que atuam fora da europa.” Afirma Paixão.

Para a Copa do Mundo deste ano, o responsável pela preparação física da Seleção Brasileira, Fábio Mahseredjian, no período que antecede os jogos do Brasil, irá receber relatórios dos clubes com os índices físicos de cada jogador durante a temporada. “Os relatórios servem para poder saber o que se pode realizar com o atleta, saber qual o nível físico e saber a quantidade de treino que ele poderá realizar, para poder equilibrar o trabalho”. Explica Paulo Paixão sobre a importância dos relatórios no trabalho da preparação física do Brasil.

“Existe uma vantagem mas ela não é absoluta pois as competições que não seguem o calendário europeu foram adiantadas, gerando um desgaste em atletas que atuam fora da europa.”

A INFLAÇÃO DAS FIGURINHAS

A inflação das figurinhas

Como o aumento de preço das figurinhas afeta as bancas e os colecionadores em Porto Alegre

por Arthur Vieira, Jadersom Simões e Vinicius Vasata



Lorenzo Anschau busca completar o álbum, mesmo com o aumento de preço das figurinhas - Crédito: Lorenzo Anschau/ Arquivo pessoal.

O povo brasileiro chega a ser acostumado ao aumento de preços devido à inflação, que diminui o poder de compra do real a cada ano. Porém, quando se trata de um produto tão querido em nossa cultura, o peso no bolso é sentido de uma forma ainda maior. Por isso, as pessoas se espantaram quando foi anunciado que o pacotinho de figurinhas da Copa do Mundo do Catar iria custar R$ 4,00 - o preço de 80 centavos por cromo é o maior já praticado na coleção de álbuns da Copa, fazendo com que a brincadeira de criança passe a se tornar, na verdade, um investimento.

Para comparar, em 2018, a Panini vendia os pacotes de figurinhas da Copa do Mundo por R$ 2,00. O aumento de 100% do preço em quatro anos é maior do que o índice de inflação acumulada, que segundo o IPCA, foi de apenas 30,5%. Assim, o preço de 2022 representa um aumento de 53,3% em relação ao preço corrigido pela inflação, que seria de R$2,61.

Por mais que o álbum sempre aumentasse de preço, o valor dos pacotes seguia a inflação, não tendo um aumento tão significativo. De 2006 até 2014, o preço corrigido pela inflação acumulada se manteve o mesmo, aumentando cerca de 5% a cada quatro anos. De 2014 para 2018 pode-se observar um aumento maior - foi de 57,2%. Ainda assim, o aumento novamente de mais de 50% do valor dos pacotes não era esperado, e repercutiu negativamente entre o público.



O povo brasileiro chega a ser acostumado ao O aumento de preço abrupto fez muitos se perguntarem quanto seria necessário investir para que pudesse completar a coleção de figurinhas. No gráfico acima, produzido pela reportagem, foi comparado o preço mínimo para se completar o álbum em cada ano de Copa do Mundo, com valores corrigidos pela inflação. Os números correspondem apenas ao cálculo simples, que pega o número total de cromos e divide por cinco, que é o número de figurinhas em cada pacotinho. Neste ano, o resultado seria de 134 pacotes para os 670 cromos da coleção, totalizando R$ 548,00 - mais R$ 12,00 do álbum capa mole - o gasto mínimo. Esse valor já representa quase a metade de um salário mínimo no país.

Mas, na realidade, é praticamente impossível que se gaste "apenas" esse valor, uma vez que muitas figurinhas repetidas saem ao longo da jornada para completar o álbum. Esse valor não tem como ser calculado de forma exata, mas um estudo realizado em 2018 por Guilherme Miguel Rosa produziu uma fórmula estatística que calcula o possível preço. Utilizando o valor dos pacotinhos de 2022, a quantidade de dinheiro necessária para completar o álbum seria de cerca de R $3.797. A estimativa muda se considerarmos trocas de figurinhas, prática realizada entre todos os colecionadores. Trocando com 18 pessoas diferentes, o valor cai para R$ 1.504, - valor superior a um salário mínimo

"Querem comprar o pacote para achar o Neymar e essas figurinhas mais raras. Graças a esse sucesso do marketing que a Panini fez, conseguimos vender bastante figurinhas mesmo com o preço mais caro"

As novas estratégias da Panini e o impacto nas bancas



Banca Look realiza troca de figurinhas todos sábados há 20 anos - Crédito: Mozart Maciel/Arquivo pessoal.

O aumento de preço acabou refletindo diretamente nas vendas das bancas de revistas. Além de menos compradores estarem animados para colecionar os álbuns, uma nova estratégia de distribuição da Panini fez com que as bancas demorassem um pouco para vender. Lenir Pereira, dona da Banca Cultura, localizada no bairro Tristeza, uma das únicas bancas de revistas ativas na Zona Sul de Porto Alegre (RS), comentou que ocorreram demoras nas entregas dos pacotes e dos álbuns na época do lançamento. "Mas quem estava negociando diretamente com a Panini, recebia antes e até em mais quantidades". A Banca Cultura, assim como a maioria das demais bancas tradicionais, trabalha com distribuidores de produtos, aumentando a margem de lucro.

Porém, esta nova estratégia da Panini facilitou que diversos comércios diferentes pudessem vender os pacotes de figurinhas. "Tem até farmácia vendendo pacotinho aqui perto", reclama Lenir. Foi essa abertura da marca que negociou com diversos tipos de lojas, ocasionou um atraso na distribuição de pacotes. Daniel, dono de uma banca no Centro Histórico de Porto Alegre, destaca a falta da entrega de álbuns, que não correspondem à demanda da nossa banca.

Além disso, os entrevistados destacaram a mudança do fluxo de vendas das bancas para as grandes livrarias e shoppings. Lenir sentiu seu comércio afetado por ter que disputar com o BarraShoppingSul. Embora tenha na Banca Cultura trocas de figurinhas todos os sábados, o shopping também montou um espaço exclusivo para trocas, com direito a um ponto de vendas da própria Panini. "Eles têm pebolim, tapetes para sentar no chão, é uma estrutura bem melhor para trocas". Lenir confessa que sente que as vendas caíram agora que ela não é o único grande ponto de vendas da Zona Sul.

Por outro lado, neste ano a Panini adotou uma nova estratégia de marketing para alavancar as vendas: as figurinhas extras.

A figurinha extra é produzida em menor escala, não estando presente em todos os pacotinhos e possui quatro versões: bordô, bronze, prata e ouro. A ouro é a mais rara, sendo produzida uma a cada 9,5 mil figurinhas. A ideia de escassez, embora a Panini não pare de produzir essas figurinhas especiais, fez muitas pessoas procurarem mais e mais pacotinhos para tentar achar e revender essas figurinhas. Mozart Maciel, dono da Banca Look, localizada na José de Alencar, no bairro Menino Deus, destacou que as pessoas tentam achar o tesouro perdido. "Querem comprar o pacote para achar o Neymar e essas figurinhas mais raras. Graças a esse sucesso do marketing que a Panini fez, conseguimos vender bastante figurinhas mesmo com o preço mais caro".

As figurinhas extra, no começo, até geraram

discussão pelo alto preço que eram vendidas na internet. O Procon chegou a notificar a Panini para prestar esclarecimentos sobre o caso, já que elas poderiam infringir a Lei que obriga que figurinhas sejam feitas todas na mesma proporção. A empresa alegou que as figurinhas não fazem parte da coleção, sendo apenas brindes, e mantendo assim a caça às figurinhas especiais.

O sentimento de colecionar.



Vinicius e sua filha, Mariah, colecionando o álbum da Copa - Crédito: Vinicius Dellavalle/Arquivo pessoal.

Aqueles que escolheram colecionar o álbum estão enfrentando dificuldades. “O preço está muito alto, então tenho que comprar só de vez em quando e tento muito mais trocar as figurinhas”, conta Thiago Domingues, 21 anos. Esse fator está fazendo ele demorar mais para completar o álbum. “dez pacotinhos já são 40 reais. É muito complicado”, lamenta. Já Lorenzo Anschau, 23 anos, acredita que este aumento, mesmo sendo muito elevado, ainda é considerável, pois era esperado pela tendência do mercado. “[Ainda assim,] não tenho conseguido comprar com muita frequência”, pontua.

Mesmo relutante com o preço dos pacotes, a maioria dos colecionadores acaba fazendo o álbum pelo valor sentimental que carrega. Vinicius Dellavalle, 35 anos, conta que está fazendo o álbum pela primeira vez, pois sua filha o fez colecionar. “Eu quero guardar o álbum para recordar da Copa daqui a alguns anos com a minha filha”. Ainda assim, ele acaba não comprando com frequência, optando por adquirir figurinhas repetidas de seus colegas.

> *“Eu quero guardar o álbum para recordar da Copa daqui a alguns anos com a minha filha.”*

A paixão do brasileiro pela Copa do Mundo é o principal motivo que movimenta o colecionismo das figurinhas Todos os entrevistados, inclusive, acreditam na chance do sexto título da Seleção Brasileira em 2022 e buscam guardar o álbum para também participarem dessa conquista. Mesmo com o valor considerado caro e as dificuldades em comprar as figurinhas, as pessoas têm continuado colecionando. O sentimento de participar da Copa e de compartilhar a memória faz com que o mercado de colecionismo continue vivo, aumentando o rendimento de bancas e movimentando a economia local.

O custo de uma Copa.

Obras polêmicas, despejos sociais e estádios abandonados. O que está por trás dos investimentos milionários em um dos maiores eventos esportivos do mundo?

por Danielly Oliveira e Patrick Almeida



Há aproximadamente um mês do evento, o Catar ainda não finalizou todas as obras prometidas para a realização da Copa Crédito: Divulgação/Portal da Copa.

Em agosto passado, a revista estadunidense Global Finance, especialista em reportagens sobre finanças, lançou uma lista dos países mais ricos do mundo em 2022. Com uma economia baseada na produção de petróleo e gás natural, o Catar ocupa o quarto lugar do ranking. A riqueza do país, entretanto, entrou em pauta quando foi anunciado, há sete meses do início da Copa do Mundo, que seriam investidos cerca de 220 bilhões de dólares para o megaevento. O número superou em 20 bilhões o orçamento prometido em 2010 - quando o mundo ficou sabendo que o Catar se tornaria o primeiro país do Oriente Médio a sediar uma edição do torneio esportivo.

"Os países que investem em megaeventos como a Copa do Mundo o fazem buscando, principalmente, a promoção internacional que vem com eles", argumenta o economista e mestre em comunicação social, Abdon Barretto Filho. A prova disso é a final da edição passada, disputada entre a França e a Croácia, que foi vista por 1,12 bilhão de telespectadores. De acordo com a Federação Internacional de Futebol (FIFA), mais da metade da população mundial acima dos quatro anos de idade assistiram a alguma parte da cobertura oficial.

Segundo o economista, o turismo também é um dos focos de países que desejam sediar o evento. Também de acordo com a FIFA, entre os meses de janeiro e março deste ano, 800 mil ingressos para o Mundial de 2022 já foram vendidos. O Catar estima um total de 850 mil turistas, número que supera e muito a quantidade disponível de quartos para serem alugados, o que já gerou um "boom" positivo para a economia de países vizinhos como Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Omã.

Em 2018, apenas para comparação, o investimento russo foi de US $14 bilhões. Talvez uma das principais explicações para o alto custo da edição deste ano seja a relação do país árabe com o futebol que, historicamente, quase não existe. Isso faz com que toda a estrutura necessária para o esporte tenha que ser construída praticamente do zero, enquanto muitos outros países apenas melhoraram a base que já possuíam.

Do Catar ao Brasil

Há aproximadamente um mês do evento - quando essa reportagem foi escrita -, o Catar ainda não finalizou todas as obras prometidas para a realização da Copa. No total, o país está construindo um novo aeroporto, novas estradas, um metrô e oito estádios. Porém, o que anda chamando cada vez mais atenção da mídia internacional para o assunto não são as construções em si ou os avanços tecnológicos trazidos pelas obras, mas sim as diversas polêmicas ligadas ao tratamento dado aos trabalhadores imigrantes. Por meio de uma matéria investigativa realizada pela BBC, foram descobertos diversos casos de pessoas que vieram a falecer principalmente por conta das altas temperaturas no país, que ultrapassam os 50° celsius no verão. Além disso, a reportagem também apontava a subnotificação de mortes por insolação.

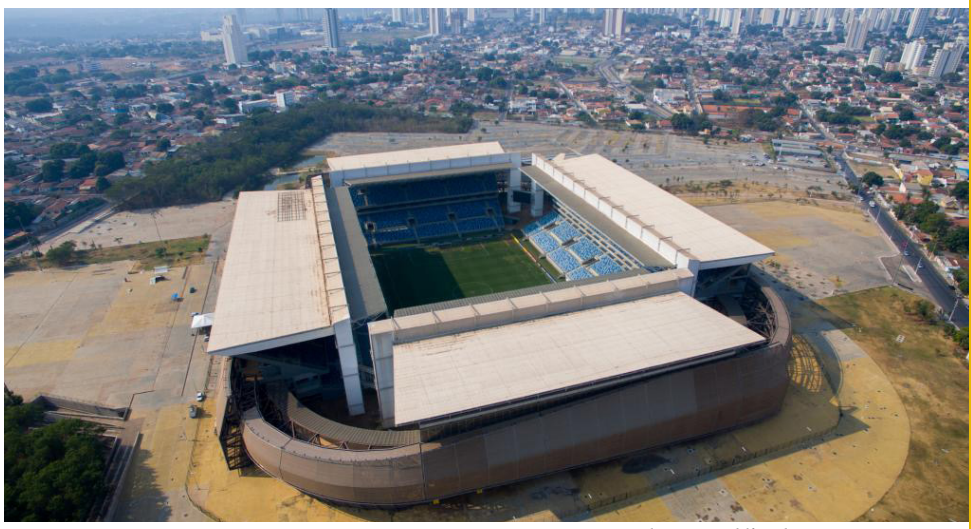
Porém, mesmo com a mídia internacional dando enfoque ao assunto, Aline Medina, arquiteta que está morando temporariamente no Catar para trabalhar na área de sinalização dos estádios da Copa, afirma que o assunto quase não é abordado pelos veículos de comunicação locais. "Eu sigo diversos perfis de notícias e aqui parece que o país é maravilhoso. As pessoas não falam sobre os problemas do país, é como se isso não acontecesse e tudo é muito superficial. São 'notícias para inglês ver' e reforçar a imagem que eles querem passar."

As obras realizadas durante o período de Copa do Mundo no Brasil também foram alvo de críticas dos veículos de comunicação e da população. De acordo com o Tribunal de Contas da União, a estimativa é que tenha sido investido quase R$ 30 bilhões, incluindo projetos de infraestrutura, serviços e suportes. Mas, mesmo oito anos depois, ainda existem obras não realizadas. Para se ter uma ideia, na cidade de Porto Alegre (RS) quatro das 18 construções estão inacabadas.

A mais emblemática é a duplicação da Avenida Tronco, na Zona Sul da capital. A obra, que se arrasta há 10 anos, está orçada em R$ 129 milhões e chegou a ficar quase dois anos paralisada por falta de dinheiro. Além da duplicação da avenida, também está previsto a implantação de corredores de ônibus, ciclovia, sinalização, drenagem e nova iluminação. A região também tem um grande problema

habitacional: cerca de 1,7 mil famílias foram retiradas para dar lugar à obra.
"O processo inteiro se deu de forma completamente equivocada.", diz Bruna Rodrigues, deputada eleita no Rio Grande do Sul pelo PCdoB e uma das pessoas que foi removida de sua casa durante o período. Bruna ressalta a falta de participação dos moradores e erros cometidos desde o cadastro familiar feito, segundo ela, por meio de uma contagem das casas e sem levar em conta o tamanho e as moradias dos terrenos. "Famílias que moravam ali há mais de 60 anos, que foram formando suas unidades familiares e tinham cinco casas no pátio, por exemplo, tiveram sua residência contada como uma casa só."
"Eles fecharam duas escolas, tiraram três praças, quatro campos de futebol e hoje o território é disputado pelo tráfico de drogas", afirma. Para ela, a degradação é substancial. A deputada culpa a falta de investimento e um plano excludente que, na visão dela, apenas se utilizou do período da Copa do Mundo para entrar em vigor. Bruna também diz que nenhuma moradia foi construída, mesmo depois de tantos anos e reclama do bônus abaixo do valor necessário para que as pessoas conseguissem um lugar para morar. "O processo da Avenida Tronco foi de higienização da população carente em favorecimento da rota comercial e a especulação imobiliária".
Para o arquiteto e urbanista e funcionário da Secretaria Municipal de Urbanismo, durante o período da Copa de 2014, Hermes de Assis Puricelli, após a definição de que o Brasil seria o país sede, iniciou-se um processo de disputa e especulações entre as principais capitais brasileiras para serem escolhidas como cidades para os jogos. "Cada município listava mais obras a serem feitas, como se a realização da Copa do Mundo por si só, resolvesse os problemas econômicos e de gestão das cidades", argumenta.
O arquiteto explica que existia na época uma ideia de que o governo federal repassaria aos municípios sedes recursos financeiros a custo zero para a execução das obras. Em Porto Alegre, a maioria das obras previa resolver problemas de circulação de veículos na região mais consolidada da cidade. No entanto, apenas duas obras - o viaduto da Av. Júlio de Castilhos e as melhorias em torno do Estádio Beira Rio - foram concluídas a tempo de sediar a Copa.
"Acredito que algumas obras pensadas para o Brasil, em particular para Porto Alegre, não foram realizadas ainda porque houve um ímpeto megalomaníaco entre os gestores. Esquecendo-se, na época, da real situação econômica do país e da capacidade de investimentos do Poder Público", afirma Puricelli. Outra coisa que também foi esquecida é que a construção exacerbada de estádios gera prejuízos futuros. E essa conta uma hora chega.

Os elefantes brancos



Arena Pantanal - Foto por: Rodolfo Perdigão/Secom-MT

Um dos 12 estádios construídos ou reformados no Brasil para a Copa do Mundo de 2014, a Arena Pantanal, vive pela primeira vez a realização de jogos de elite. Além do estádio do Mato Grosso, a Arena da Amazônia, Arena das Dunas, Arena Pernambuco e Mané Garrincha se tornaram, desde o Mundial, "elefantes brancos" - estádios que só recebem jogos de pouco apelo ou caça-níqueis de empresários em acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).
"O custo médio anual para manter a Arena é de R$ 10 milhões e não dá para cobrir esses gastos só com jogos", afirma o secretário de Cultura, Esporte e Lazer do Mato Grosso, Jefferson Carvalho. Ele assumiu o cargo em abril deste ano, no momento em que o maior clube do estado manteve sua permanência na Série A do Brasileirão. Pode parecer pouca coisa, mas a presença do Cuiabá na elite do futebol brasileiro ajudou o estado a reverter a situação da Arena Pantanal.
A Arena Pantanal é mantida por meio do Fundo Estadual do Esporte e, desde 2019, tem a sua gestão feita pela Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. "A gente precisa realizar outras atividades no estádio e jogos de outros times para poder manter a Arena", explica Carvalho. Para além das partidas, a Arena Pantanal abriga cerca de 400 estudantes da Escola Estadual Governador José Fragelli com funcionamento em tempo integral e com foco em práticas esportivas.
Os elefantes brancos, porém, não são um problema exclusivo do Brasil. Países que já sediaram a Copa do Mundo, como a África do Sul e a Rússia, também sofrem do mesmo mal. Para tentar contornar a situação, o Catar tem investido na construção de estádios que irão durar somente durante a competição. Um dos principais destaques é Ras Abu Aboud, construído totalmente com estruturas provisórias e desmontáveis e que, depois da Copa, serão realocadas na construção de praças esportivas espalhadas pelo país. A medida coloca o Catar um passo à frente do Brasil, mas isso não o impede de ter problemas que revelam o verdadeiro custo da realização de uma Copa do Mundo.

É COPA OU POLÍTICA?



Rua de Belo Horizonte, decorada para a Copa do Mundo de 2022.. Imagem: Fernando Zuba / g1 Minas

É Copa ou é política?

Mesmo com a polarização da política brasileira e o uso das cores da pátria como símbolo de determinado movimento político, torcedores não sentem vergonha de vestir a camisa da seleção

por Emilena Gonçalves e Maria Eduarda Machado

Conforme o dicionário da língua portuguesa, patriotismo significa “qualidade de quem é patriota”. Amor à pátria, devoção ao seu solo e às suas tradições, à sua defesa e integridade”. Esse sentimento geralmente é demonstrado pelo povo através de símbolos que representam a nação, como a bandeira, o hino, cultura, entre outros. No Brasil, mesmo que não esteja descrita na constituição, a camisa da seleção brasileira de futebol se tornou um dos maiores símbolos de representação da pátria, reconhecido no mundo, principalmente por sua ligação com o esporte que é a paixão do brasileiro.

A camisa carrega as cores oficiais da pátria, o verde e amarelo da bandeira. Durante muito tempo, quando apareciam muitas pessoas vestindo a camisa e pendurando a bandeira na janela, isso representava que a Copa do Mundo estava chegando, ou algum jogo oficial da seleção, e o povo estava se preparando para torcer pelo Brasil. Mas, aos poucos, esse símbolo, entre outros representativos da pátria, foi sendo “saqueado” e a população foi perdendo a vontade de vestir aquela camisa que antes era sinônimo de brasilidade.

Há cerca de oito anos, os principais símbolos nacionais e o conceito de patriotismo começaram a ser usados em protestos de oposição ao governo, em seguida se transformaram em uma representação de determinado movimento político. Por causa disso, a parte da população que não se via representada pelos ideais propostos por esse grupo, começaram a evitar o uso da camisa amarela, mesmo quando a seleção iria jogar, isso para evitar que fossem julgados como defensores de uma ideologia que não os representava.

Cristiano Sandim, analista de diálogo e doutorando na PUCRS, explica que o discurso enunciado por essas pessoas pode ser considerado facista, pois “do ponto de vista filosófico sociológico, o facismo não um fato histórico isolado, mas um movimento que pode ressurgir em qualquer sociedade, desde que essa esteja configurada aos moldes do capitalismo.”

A partir disso, Cristiano esclarece que a “política fascista invoca um passado mítico da nação, que foi tragicamente destruído, esse passado é perpassado por valores morais, como pureza, soberania, glória, família patriarcal, ou seja, visão de mundo que se atrela ao conservadorismo” e completou: “no Brasil, quem destruiu esse passado mítico foi a esquerda, segundo a discursividade fascista. E uma das formas de reconstruir esse passado, é saqueando o universo simbólico nacional, ou seja se apropriar do símbolo da pátria, a partir da apreensão de uma atmosfera nacional nostálgica”.

Ainda que a população ainda sinta o sentimento em relação ao uso da camisa, esse efeito de sentido alterado, causa um sentimento de não querer mais usar os símbolos por quem não se vê representado por essa política. Segundo o analista isso está atrelado ao que o cientista Roger Griffin chama de ultranacionalismo palingenésico que é “o reacentuamento do sentido de patriotismo a partir de uma semântica de ‘nós x eles’, no qual o ‘nós’ (fascistas) são considerados como verdadeiros patriotas”

Luciana Saratt, mestre em letras, que teve como tema de sua dissertação a ressignificação da bandeira brasileira e da camisa da seleção, fala que está instaurada, na sociedade brasileira, uma rede de sentidos projetados sobre a bandeira nacional e sobre
camiseta da seleção. “Essa rede é constituída por um emaranhado de fios que
possibilitam observar o tensionamento discursivo estabelecido. Quando alguém vê o outro com a camisa da seleção e não se identifica com a ideologia que hoje a mesma representa, isso reflete um distanciamento entre parte da população brasileira e os signos e também um movimento de confronto e resistência ao que é defendido por essas pessoas”.

Além disso, luciana ressalta que a ressignificação da bandeira e da camiseta não se trata de um projeto inócuo ou sem importância, “isso tem um papel estratégico na práxis política que engrandece o nacionalismo que tem a intenção de suavizar problemáticas sociais que deveriam estar presentes nos debates políticos”. Com isso, podemos entender o pensamento atual da população que identifica como defensor de determinada ideologia alguém que anda nas ruas com a camisa amarela da seleção antes de pensar que está em clima de copa do mundo, mesmo há menos de um mês do maior evento de futebol, que é a maior paixão

nacional.

Segundo a pesquisa de amostra aleatória, para produção dessa reportagem, 65,7% dos entrevistados responderam que acreditam que a camisa da seleção não representa mais o povo em geral, mas sim aqueles que defendem determinado movimento político. Mesmo assim, quando questionados se usariam a camisa amarela da seleção durante o período de copa, 61,4% responderam que usariam, mas se tivessem que comprar uma camisa nova 65,7% dariam preferência para outra cor.

Giovana da Silva, de 25 anos, contou que tem receio de usar a camisa amarela por questões políticas, porém não deixaria de usar e comenta o cenário desse símbolo atualmente. “Na última Copa do Mundo eu não vi tanta gente usando camisa da seleção brasileira, do que nessa última eleição”, destacou.

Da mesma forma, Daniel Rolim, 28 anos, também não daria preferência para usar outra cor da camisa, “eu só não uso porque não tenho”, afirmou. E contou que seu sentimento em relação a mesma é diferente hoje em dia. “Eu não vejo a camisa da seleção como antigamente, com paixão. Hoje em dia, até os jogadores vestem por patrocinadores, por empresários e poucos por quererem vestir ela. Tem jogadores que não fazem sentido estar na seleção, estão lá por outros motivos e isso reflete de uma forma política, pois uma coisa liga a outra”.

As cores da bandeira e da seleção sempre foram motivo de orgulho e paixão para o brasileiro, época de Copa do Mundo sempre foi o motivo de vestir as mesmas, pintar o rosto e decorar a casa e as ruas. Hoje não é mais assim. Bruno Antoni, de 23 anos, estudante de direito na UniRitter, diz que sempre foi incentivado a torcer e se interessar pela seleção e ter orgulho das suas cores “por isso nunca utilizei a camisa como forma de manifestação política e por isso não me sinto desconfortável em utilizá-la, bem como o farei”.

Ele ainda comenta que “a politização e apropriação por parte da direita das cores verde e amarela fazem com que nem mesmo o fato da seleção brasileira estar em um bom momento e com grandes chances de título na Copa do Catar 2022 seja suficiente para reverter esse movimento de rejeição” e conclui que “apenas a desvinculação gradativa e paciente, tanto das cores quanto da camisa, seja capaz de demonstrar que as mesmas representam muito mais para uma nação do que mero instrumento político”.

Luciana Saratt comentou que devido a esse sequestro da brasilidade, atualmente é preciso justificar o motivo pelo qual se está usando as cores da nação caso não queira ser associado ao movimento político aos quais a simbologia nacional se encontra vinculada. E concorda com Cristiano a respeito do que deve ser feito para contornar esse fenômeno.

Ambos afirmam que será muito complicado ressignificar novamente esses símbolos tão importantes para a brasilidade, já que essa mudança da simbologia foi construída por anos. Mas movimentos que demonstram orgulho das cores durante a própria Copa do Mundo e o uso das redes sociais por aqueles que vão contra o uso politizado da camisa podem ser grandes aliados nessa causa. Cristiano defende que “A bandeira é um símbolo oficial da república. Usar a ela como roupagem partidária ou política, é rechaçado, pois é algo nacional, é um símbolo de todos”.

Rua de Belo Horizonte, decorada para a Copa do Mundo de 2022. Imagem: Fernando Zuba / g1 Minas



Violação dos direitos humanos no Catar: o que está por trás da cortina do espetáculo esportivo?

Instituições fiscalizadoras, clubes nacionais e jogadores protestam contra à FIFA pelas condições de trabalho no país árabe

por Eduardo Silva e Vanessa Ferraz



Um levantamento estima que morreram 6,5 mil trabalhadores desde o início das obras da Copa. (Crédito da foto: Hassan Ammar/AP)

A temperatura que chega aos 35 graus nas primeiras horas do dia no Catar, intensificado pelo sol escaldante, tornam as condições de trabalho braçal sem água, insalubre. A arquiteta, Aline Medina relata o que viveu há pouco tempo, quando se deparou com as condições de trabalho de um grupo de indianos nas instalações do estádio de Lusail, o mais importante do evento que se aproxima: “Todos queriam ir embora, então dissemos que eles tinham de ficar! Não temos como ficar sem equipe, pelo menos até a outra chegar. E um deles, já cansado, respondeu: ‘Estamos há horas sem comer e sem tomar água porque o nosso contratante não comprou’.” A brasileira é uma das mais de duzentas pessoas que saíram daqui, para preparar o grande evento esportivo de 2022.

A Copa do Mundo do Catar que começará no dia 20 de novembro trouxe mais um holofote polêmico para a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), desde o anúncio. A suspeita de corrupção nos votos dos dirigentes na escolha do país sede do torneio, está em pauta desde a Rússia em 2018, o assunto foi revisitado a partir da escolha do país árabe. Mas neste caso, as controvérsias se voltaram para as condições de governo, de justiça, e principalmente, de direitos humanos.

O país de 2,7 milhões de habitantes é formado por 75% de imigrantes, Aline conta que nos cinco meses que está morando lá conheceu muitos paquistaneses, indianos, libaneses, afegãos e africanos. E um dos assuntos que mais chamou a atenção da brasileira é a situação dos apátridas, “trabalho com uma moça indiana que teve uma filha nascida aqui, mas ela não recebe a nacionalidade do país que nasceu, ele é considerada indiana, e assim tem vários nativos que carregam a nacionalidade de outros lugares”.

Sem a naturalidade e sem os direitos que assegurem a mínima segurança dos imigrantes, o trabalho análogo a escravidão deixa vítimas no país. Segundo o MigraMundo morreram 6,5 mil pessoas desde o início das obras da Copa, uma média de 12 mortes por semana desde dezembro de 2010. Sendo que ainda há grandes possibilidades, como trás o site, do número de mortes estarem subnotificadas por uma investigação do jornal britânico The

Guardian.
Com isso, organizações não governamentais como a Anistia Internacional, Human Rights Watch, Football Supporters Europe e a Federação Internacional de Trabalhadores processaram a FIFA pedindo judicialmente uma indenização de 440 milhões de dólares para trabalhadores imigrantes que tiveram seus direitos violados no país.
Outra questão que chama a atenção do mundo e que tem gerado reações de protesto é a não aceitação da população LGBTQIA +. O país que vive um governo absolutista liderado pela família Al Thani desde 1825, tem suas leis baseadas na Sharia — um sistema legal que mistura direito civil e direito islâmico baseado nos preceitos do Corão. Punições como a flagelação (torturas físicas e morte) são sentenciadas para aqueles que forem condenados por "sexo ilícito", adultério e até consumo de alcool em menores proporções.
Para se opor a isso, os capitães de Inglaterra, Holanda, Bélgica, França, Alemanha, Suíça, País de Gales e Dinamarca irão usar a braçadeira arco-íris. O movimento "OneLove" promove a igualdade e a diversidade, passando uma mensagem clara contra a homofobia durante a copa. Em protesto à violação dos direitos humanos, a seleção da Dinamarca jogará com camisas que levam o logotipo da fabricante e o escudo da seleção apagados, além de um terceiro uniforme preto.



A seleção já está usando a camisa preta em sinal de protesto (Crédito da foto: reprodução instagram)

Legitimação ou agente de transformação: FIFA no Catar

Em maio de 2017, a entidade máxima do futebol incluiu em seu estatuto uma política de defesa dos direitos humanos. Nela, a FIFA se compromete em auxiliar as sedes com ações para garantir direitos trabalhistas, de habitação, combate a discriminação, segurança nos grandes eventos e direitos dos atletas. Pela falta de prestação de contas, não é possível saber se o compromisso está sendo seguido, minimamente.
Para o especialista Fábio Balestro Floriano, consultor da Comissão Interamericana de Direitos Humanos — órgão independente da Organização dos Estados Americanos (OEA) — a relação estabelecida que o Catar mantém com as potências ocidentais em razão das relações econômicas é um dos motivos de não haver maior resistência: "Não há uma pressão internacional, pelo contrário, há uma legitimação do Catar no momento que há a decisão que ele sediará a Copa do Mundo", explica.
O consultor que acompanha diretamente o monitoramento de casos de violação dos direitos humanos em 35 países das américas, diz não se surpreender com o comportamento da Fifa, pegando o exemplo do Brasil onde houveram vários protestos na época, países com mais censura como o caso da Rússia e do Catar, são menos resistentes. "Já houve pronunciamentos não sei se vazados, mas registrados na imprensa, que Estados autoritários são melhores para realizar esses eventos. Essa grande mobilização de recursos, deslocamento de populações, pressão por segurança, elas são manejadas de uma maneira do ponto de vista da eficiência pela FIFA", expõe Balestro.
"O esporte não se afasta do direito, e este não se afasta dos direitos humanos", pondera o jornalista Andrei Kampff, sobre a grande repercussão que a associação da Fifa com o Catar gerou na comunidade global. A expectativa é que a política de direitos humanos seja cumprida durante a competição, mas somente com a pressão de patrocinadores, atletas, ex-atletas, cidades e organizações não-governamentais.
A flexibilização da legislação catari pode ser encarada como uma estratégia de posicionamento internacional em um período de exposição mundial da imagem do país.
O especialista em direito desportivo lida com frequência sobre a pauta dos direitos humanos no Catar ao escrever para o blog Lei em Campo. Sua percepção é que depois da copa, dificilmente haverá uma mudança concreta na legislação pela forte influência religiosa que há no país. Contudo, no futuro, o jornalista acredita que a Fifa não definirá como sede, países que não forem comprometidos com a garantia dos direitos fundamentais. "A Federação evitará vivenciar novamente essa pressão, e também, será uma resposta ao mundo, de comprometimento com a causa", ressalta.
A concepção de que melhora a longo prazo é compartilhada na visão de Balestro ao explicar que a luta pelos direitos humanos não é uma corrida, e sim, uma maratona; que precisa de constância, persistência e fôlego. "Todas as manifestações de protesto ou boicote não são eficazes de imediato, elas têm a função de fazer um furinho nessa muralha", relata ao falar da importância de todo o tipo de resistência principalmente para o registro histórico, se o mundo se omitir, parecerá para as próximas gerações que o que acontece por lá é banal.

Brasil e Catar: semelhanças e diferenças

"Mas, isso não é tão diferente do Brasil", disse Aline Medina várias vezes ao comparar situações que vivencia no Catar. A arquiteta se referia a condição de pobreza, as más condições de trabalho e a desigualdade social. Um olhar um pouco mais distante, é capaz identificar grandes diferenças entre as duas nações: uma democrática, outra absolutista; uma laica, outra sob a tutela da Sharia; uma com o sistema de justiça com direito ao contraditório, outra que sentencia por flagelo…
O especialista em direitos humanos, cita Karl Marx ao fazer essa comparação, "Não é à toa que o filósofo socialista dizia para os trabalhadores do mundo se unir", expõe Balestro ao contextualizar sobre as semelhanças entre os trabalhadores menos instruídos nas mais diversas partes do globo. Entretanto, a diferença fundamental é que no Brasil ainda é possível conquistar uma posição melhor, no Catar essa janela é mais estreita, "Aqui temos a livre manifestação e a reivindicação. A democracia em comparação com a monarquia absolutista é muito mais permeável a mudança".
Kampff não enxerga grandes diferenças na atuação das políticas de direitos humanos entre Brasil e Catar. Para o jornalista, apesar da legislação brasileira abranger a garantia dos direitos fundamentais nos primeiros artigos da Constituição Federal, na prática há muitas semelhanças com o país arábe de aparato jurídico arcaico. "A distância não é tão grande porque o Brasil ainda não entendeu a responsabilidade que a atividade econômica tem com as questões sociais, de proteção à dignidade humana e de proteção aos direitos humanos", explica Andrei.
As concessões que o Catar fez para que a Fifa realizasse a Copa no país sem gerar mais polêmicas, não representam ainda uma mudança estrutural de governo ou de justiça. Imigrantes vão continuar indo em direção a nação rica atrás de um sustento e continuarão sem água por longas horas. No entanto, a esperança que os especialistas ouvidos por esta reportagem trazem é que todo o movimento de protesto, cada processo novo, cada voz ouvida gera um pequeno fragmento na muralha de um governo autoritário; que utiliza a religião como desculpa para a falta de processo judicial. Como todo processo histórico que um dia pareceu invencível, mas, pereceu. Para o Catar, ainda há esperança também.

Há direitos para as mulheres no Catar?

A falta de políticas públicas e as rígidas diferenças entre homens e mulheres para as cataris é vista com preocupação pelas brasileiras

por Josiele Araujo, Marília Bede e Rafael Brum



Segundo o banco mundial, a população do Catar é de aproximadamente 3 milhões de pessoas. Entretanto, as mulheres representam apenas cerca de 25% deste número. O país tem uma cultura muito peculiar. No ocidente, a percepção das pessoas de gênero feminino em países do Oriente Médio está diretamente ligada a representações constituídas por estereótipos e esquematizações reducionistas e por confusões conceituais.

A base da legislação do país é a Sharia, um sistema jurídico do islã. Sendo assim, é um grupo de normas proveniente das orientações do Corão, baseado em falas do profeta Maomé. É possível considerar uma mistura do direito civil e do islâmico, ela é aplicada em casos relativos ao direito de família, herança e vários atos criminosos (como adultério, roubo e assassinato). Além disso, a poligamia é permitida para homens no país. Este é o país sede da Copa do Mundo 2022.

Tatiana Gontijo é brasileira, tem 40 anos e se mudou para o Catar há cerca de um ano, em dezembro de 2021. Além do desejo de morar em outro país juntamente com o seu marido e seus filhos devido a experiência de troca cultural, ela decidiu que iria para o país para trabalhar dentro da Copa do Mundo. Jornalista, publicitária e filmmaker, a profissional de comunicação trabalhou os últimos 15 anos para o Grupo Globo e atualmente atua na empresa Q22, no Catar, cuidando dos centros de treinamento (CT). Na Copa do Mundo de 2022, cada país tem um CT e Tatiana cuida de 4 centros - Irã, Uruguai, Croácia e Portugal.

Sobre o choque cultural no país, a jornalista diz que no início achava que seria pior. “Eu sou do Rio de Janeiro, e eu sou uma pessoa que toca em blocos de carnaval. Bloco de carnaval significa uma liberdade muito grande, principalmente com o corpo. No Brasil a gente tem um trabalho com o corpo muito diferente”. Segundo a brasileira, no país sede da copa do mundo de 2022, as mulheres não podem expor ombro, decote, joelho e barriga. Todas essas partes do corpo costumam estar cobertas, pois é um desrespeito à cultura deles.

Tatiana mora em uma ilha artificial, por isso ressalta que as coisas são mais flexíveis, pois sua localização não é considerada parte do “território real”. Sendo assim, é possível usar roupas como short e blusa de alça sem ser chamada atenção e nem mesmo sofrer algum tipo de punição. “A única coisa que eu uso normalmente é biquíni na praia e na piscina. Saio de casa de short e camisa de alça para a praia, mas se eu for caminhar na beira da praia, no calçadão, eu vou de ombro coberto, de barriga coberta e bermuda ou saia até o joelho”.

Ela ainda reforça que apenas tem esse comportamento em respeito à cultura local e não por necessidade. “Se um Catari se sentir desrespeitado em relação a roupa a qual você está

“Se um Catari se sentir desrespeitado em relação a roupa a qual você está usando, ele pode pedir para o segurança tirar você de um lugar público. Nunca vi acontecer, mas já ouvi histórias”

usando, ele pode pedir para o segurança tirar você de um lugar público. Nunca vi acontecer, mas já ouvi histórias”. Sobre as nativas, ela diz que é possível ver usando burca, véu completo ou só com a cabeça coberta, todos os tipos de vestimenta típica é possível encontrar. As mulheres muçulmanas estão sempre de aba, já os homens não, eles usam uma mescla de roupas ocidentais com muçulmanas.

Quando mencionado o tema assédio, a publicitária reforça que as poucas vezes em que foi assediada o comportamento veio de ocidentais. Ela ainda diz que o assédio no Catar é igual ao do Brasil: “É um homem ocidental na academia olhando de forma diferente porque a mulher esta com roupa de academia ou um homem não muçulmano nem catari, que passa e mexe - geralmente ocidental”. De acordo com Tatiana, os cataris em si respeitam muito as mulheres, até existem histórias de assédio que são contadas no país, mas ela e pessoas próximas não viveram.

Como já dito anteriormente, o país segue orientações do Corão, sendo assim, adultério é considerado um crime no Catar. A jornalista disse que uma mulher muçulmana não pode estar em um ambiente fechado sozinha com um homem que poderia ser seu marido. E ela, como uma mulher casada em um relacionamento heterossexual não pode dar a mão na rua e nem demontrar carinho em público.

Além disso, Tatiana conta que quando se casam, as mulheres têm um contrato nupcial de matrimônio e nesse acordo fica estabelecido se a mulher vai poder dirigir, trabalhar e quantos filhos quer ter, por exemplo. Elas também não são obrigadas a ir até as mesquitas rezar, podem fazer isso em casa, até porque os homens ainda têm a mentalidade de que as mulheres devem estar em casa para cuidar das crianças e das tarefas domésticas.

Naiane Cossul, professora do curso de Relações Internacionais e coordenadora do Núcleo de Apoio e Assessoria a Refugiados e Imigrantes (NAARI) na Uniritter, diz que no Catar as mulheres têm direitos, mas apenas com a tutela masculina. Uma série de atividades no país precisa ser permitida por homens. Segundo Naiane, é uma questão que vem da base islâmica do país. Ela ainda reforça que se uma mulher deseja viajar para o exterior, por exemplo, precisa pedir a autorização do tutor, que normalmente é o pai ou marido, sempre uma figura masculina da família

Aline Medina é design de serviço, inovação e pesquisa. Formada em Arquitetura e Urbanismo há 20 anos, a design se mudou para o Catar em abril de 2022, também a trabalho, pois foi indicada para realizar a sinalização da Copa do Mundo que será sediada no país. “Na época que soube que iria pro Catar, era no momento em que aconteceu o caso da mexicana, mas ao mesmo tempo pensei quando teria outra oportunidade”.

O caso do qual a arquiteta se refere é de Paola Schietekat, que trabalhava na organização da Copa de 2022 desde fevereiro de 2020. Ela denunciou um caso de abuso sexual do qual foi vítima, porém o tribunal criminal do país, absolveu o agressor e a vítima foi sentenciada a cem chicotadas e sete anos de prisão pela acusação de ter tido um caso extraconjugal com o homem que a estuprou. No país que segue a Lei Sharia, o adultério é considerado um crime. Todo ato sexual fora do casamento é passível de pena de morte e relação sexual entre pessoas solteiras pode receber como punição o açoitamento.

Referente às vestimentas do país, os homens costumam ficar de branco, com um tecido super leve, enquanto as mulheres usam várias camadas de roupa. As temperaturas no Catar normalmente são muito altas, chegando a cerca de 50°C no verão. As mulheres que não são cataris podem usar “roupas normais”, eles apenas pedem que respeitem a cultura local e não mostre ombros, braços e pernas. Aline diz que para trabalhar costuma se cobrir mais. Contudo, ela conta que aprendeu que pode ser mais colorida: “não preciso ser tão restrita, porque ninguém vai te xingar ou te julgar por isso”. Entretanto, as mulheres cataris são totalmente cobertas e sempre com roupas largas.

“Quando eu vim pra cá, eles me pediram para se vestir de acordo, mas eles pedem, ninguém é obrigado”, conta Aline. Ela explica que é possível sair na rua de bermuda e de regata. Mas, se a pessoa ir a um bairro mais popular, onde a maioria são homens, eles vão olhar e a pessoa vai se sentir desconfortável. “Mas se está em um shopping, ninguém vai te olhar diferente e não vai te acontecer nada”.

No entanto, a coordenadora do NAARI visualiza que a flexibilização das restrições que acontecerá durante o período da Copa poderá trazer mudanças positivas para o país. “A partir do momento que um país recebe um evento de proporções tão grandes, ele também vai aprender com a comunidade internacional”. Entretanto, ela afirma que o debate e as restrições ligadas aos direitos das mulheres ainda devem persistir por um bom tempo.

“Quando eu vim pra cá, eles me pediram para se vestir de acordo, mas eles pedem, ninguém é obrigado”

**A equipe ressalta que todas as informações presentes na reportagem são provenientes das fontes entrevistadas, pois não conseguimos acesso às leis e aos códigos de conduta do Catar.*

Como a Copa do Mundo de 2022 mudou o cotidiano do Catar

Para sediar o maior evento de futebol do mundo, o país flexibilizou algumas de suas tradições mais rígidas, como a liberação de bebidas alcoólicas

por Jéssica Jacinto e Johan Strassburger

Torcedores assistindo a um jogo e bebendo cerveja em um bar. Crédito: Freepik



Pela primeira vez teremos o principal evento de futebol sendo realizado no Catar, o que irá levar muitos torcedores a estranhar as leis e costumes do país de tradições islâmicas. O que pode não ser tão comum para a maioria das pessoas, no Catar é seguido à risca pela população nativa, que desde berço segue as orientações religiosas e políticas e seguem isso de gerações por gerações.

Apesar de ser um pequeno país em questões territoriais, o Catar é considerado um dos países mais ricos do mundo, tendo sua economia voltada para a exportação de petróleo. Oficialmente, é um Emirado, ou seja, é administrado por um membro da classe dominante, o Emir. Que nada mais é do que um monarca que governa o país, e como uma monarquia, o comando do poder fica restrito a uma mesma família.

O que leva a ser um território com leis e tradições mais severas do que os brasileiros e outros turistas do mundo estão acostumados Por isso, quem vai à Copa do Mundo este ano deve estar ciente do que poderá ou não fazer no país.

Catar X Cerveja

No Catar, o consumo de bebidas alcoólicas em locais públicos é proibido, como também a venda para estrangeiros que só pode ser realizada em um local específico e autorizado pelo governo. Para receber um evento do porte como uma Copa do Mundo, o Catar precisou abrir concessões a algumas de suas leis e tradições. Um dos motivos para que a liberação acontecesse foi o interesse da FIFA, por um dos seus principais patrocinadores, a cerveja Budweiser, ser uma marca mundialmente famosa e uma das mais vendidas no mundo, segundo divulgado a revista Exame.
De acordo com a arquiteta Aline Medina, que está trabalhando na sinalização da Copa de 2022, a questão de punições e multas serão relevadas nesse período de Copa, para evitar confrontos com os turistas e tirar um possível foco do evento. Isso porque, a ideia do governo do Catar é voltar a sediar outros eventos de grande porte como as Olímpiadas. Aline acredita que muitos turistas poderão “subornar” os policiais para que eles façam livremente o que quiserem, como consumir bebidas fora do perímetro permitido entre outras restrições do país.
A arquiteta ressalta como são as regras para compra e consumo de bebidas alcoólicas no Catar: no país inteiro, só há um lugar que vende cerveja, que se chama Centro de Distribuição do Catar (Qatar Distribution Center) onde é necessário ter uma carteira que permite a compra. O acesso ao centro de distribuição é feito apenas com hora marcada e a compra é apenas para consumo próprio.
Dessa forma, o consumo de bebidas alcoólicas para os torcedores foi liberado na Copa do Mundo, mas claro que tudo isso ocorre com restrições. Os torcedores só poderão consumir as bebidas no perímetro de entorno do estádio e até 30 minutos antes do início de cada partida. Esses locais ainda voltarão a abrir após o final dos jogos para que os torcedores possam consumir. Outro lugar que será liberado a venda e consumo de bebidas alcoólicas, é nas Fan Fest, local oficial da Copa onde são transmitidos os jogos, que estarão distribuídas pelas cidades em que ocorrerão os jogos.

Homossexualidade ilegal

No Catar, o consumo de bebidas alcoólicas O tema de homossexualidade é algo que está sendo muito debatido desde que o Catar foi escolhido como país sede do torneio. A prática homessexual é tratada como um crime em terras islâmicas, isso porque de acordo com as leis do país demonstrar afeto publicamente é ilegal. Para as pessoas LGBTQIA+, as punições podem ser de até sete anos de prisão e multa. Porém, os mulçumanos também podem ser penalizados com pena de morte.

Todas essas leis islâmicas, que aos olhos do resto do mundo são retrógradas, pôs em conflito a realização da Copa do Mundo de 2022. Isso porque, os admiradores de futebol que são homossexuais estão com receio de sofrerem preconceitos ou até mesmo uma punição. Em contrapartida, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) garante que as autoridades do Catar irão assegurar a segurança de todo o público e turistas que estarão presentes para os jogos.

Conforme divulgado em junho deste ano pelo jornal The Guardian, o Comitê Supremo, que organiza a Copa do Mundo de 2022, falou sobre o assunto e garantiu que todos serão bem-vindos no país, independentemente de raça, origem, religião, gênero, orientação sexual ou nacionalidade. “Somos uma sociedade relativamente conservadora e demonstrações públicas de afeto não fazem parte de nossa cultura. Acreditamos no respeito mútuo e, embora todos sejam bem-vindos, o que esperamos em troca é que todos respeitem nossa cultura e tradições”. Porém, em contraponto dessa declaração, um chefe de segurança do Catar, que não teve seu nome divulgado, destacou que bandeiras que representam o orgulho LGBTQIA+ podem ser confiscadas para evitar conflitos com os demais torcedores.

Expectativas do Catar com a Copa

A FIFA tem como diretriz “entregar” um legado que perdurará ao longo dos anos, o Catar adotou medidas para que os estádios construídos possam ser “devolvidos” para a população. Fatma Al Nuaimi, diretora executiva de comunicação do Comitê Supremo para Entrega e Legado da Copa do Mundo FIFA 2022, explicou para o UOL Esportes que uma de suas principais missões para o evento é que as arenas não fiquem esquecidas após os jogos.
A diretora afirmou que antes do início das construções começarem, foi realizada uma consultoria para entender o que era necessário, principalmente para as pessoas que vivem no entorno dos estádios e que haviam pedidos de mais instalações médicas, escolas e parques públicos. Al Nuaimi destaca que o estádio que receberá o jogo final da Copa, o Lusail, manterá a aparência de estádio por fora, mas, em seu interior, ficará duas escolas e uma área comercial. Além de ressaltar que os demais estádios terão parte de suas cadeiras removidas para serem doadas para outros países que estão trabalhando para evoluir suas estruturas de futebol.
As mudanças culturais do Catar para receber os turistas são uma das formas, em que o país tenta mudar um pouco de sua fama internacionalmente, devido às suas regras e costumes que entram em atrito com a cultura brasileira. Para isso, o governo está disposto a flexibilizar algumas de suas tradições, mas em troca, há uma expectativa que os turistas respeitem a cultura e regras para manter a ordem e as boas relações criadas. Principalmente, durante os jogos e assim permitindo que todos os torcedores que forem assistir consigam, sem ter nenhum confronto com as autoridades residentes.
Além disso, o Catar tenta se solidificar como um importante componente político através do esporte, esse investimento na área, o país tenta se tornar imune à uma tentativas de ataques externos, além de tentar “lavar” a imagem do país em sua transformação em um sportshub. O Catar também tem investimentos em times de futebol de outros países como o Paris Saint-Germain, com contratações milionárias como a de Neymar, custando 222 milhões de Euros e Mbappe que custou 630 milhões de Euros.

A ACESSIBILIDADE DOS SONHOS DA COPA

A acessibilidade dos sonhos da Copa

A evolução da acessibilidade na sociedade e a promessa do Catar de entregar a Copa mais acessível da história

por Maria Eduarda Machado



Ingresso amistoso Brasil x Alemanha 1991 - Imagem: Olympia Possas

Porto Alegre, 1992.

O Beira Rio, estádio do Sport Club Internacional, receberá o amistoso entre Brasil e Alemanha, o último do ano que antecede as partidas das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994. Luis Felipe Alimari, de apenas 13 anos, como qualquer outro garoto apaixonado por futebol estava ansioso, pois, depois de muita insistência e ligações para pessoas conhecidas que trabalhavam no local, o menino poderá assistir o jogo da seleção brasileira no estádio. Ele tem Atrofia Muscular Espinhal (AME) e é cadeirante desde os 10 anos e o único que o então diretor do Internacional conseguiu era no gramado. Acontece que naquela época ainda não existiam leis garantindo o direito à acessibilidade para Pessoas com Deficiência (PcD) no Brasil e, por isso, o estádio não tinha acesso para cadeirantes nas arquibancadas.

No dia 26 de dezembro daquele ano, Luis Felipe e o pai se organizaram, colocaram a camisa da seleção, pegaram seus ingressos e foram ao estádio. Chegando lá eles não puderam se acomodar no gramado, pois como era um evento da FIFA, apenas algumas poucas pessoas tinham acesso permitido àquele local. Ele ficou decepcionado, mas, junto com seu pai, decidiu que não iria embora e depois de muito debate entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), FIFA e a organização do evento, eles foram encaminhados para assistir ao jogo da arquibancada.

"Naquela época as arquibancadas não tinham cadeiras, e o degrau era muito estreito, a cadeira de rodas não cabia de frente para o campo", lembrou. Mas eles não desistiram, posicionaram a cadeira de lado e foi olhando por cima do ombro que o pequeno Luis Felipe assistiu aos 90 minutos do amistoso entre as seleções do Brasil e Alemanha. "Antigamente nós não éramos bem-vindos em estádios", observou. Apesar de tudo Felipe se divertiu e realizou um sonho. A seleção brasileira saiu vencedora daquela partida. O placar foi de 3 a 1. "Foi um dia muito feliz pra mim, pelo fato de que eu adoro futebol desde a infância, então quando a gente gosta muito de alguma coisa, acabamos fazendo sacrifícios".

No Olímpico, então estádio do Grêmio Futebol Porto Alegrense, time do coração de Luis Felipe, não era diferente, cada vez que queria assistir aos jogos presencialmente, precisava se desdobrar para conseguir acessar o local. Além da dificuldade de acesso no local, a cidade também não facilitava a mobilidade dessas pessoas, além da falta de rampas de acesso, o transporte era limitado e precário. "Se eu quisesse ir para o jogo eu tinha que ter meu próprio transporte. Ônibus (adaptado) só tinha às nove horas da manhã para ir e, para voltar, só tinha outro às seis da tarde", criticou.

O tempo passou e no dia 19 de dezembro de 2000, oito anos depois do amistoso Brasil x Alemanha, foi sancionada a Lei Nº 10.098 estabelecendo "normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida". Mais de 14 anos se passaram e o avanço da tecnologia e as leis de acessibilidade garantiram uma maior inclusão dos PcDs na sociedade, mesmo que ainda com dificuldades.

O transporte público, por exemplo, já conta com grande parte da frota adaptada para receber cadeirantes, mas ainda há linhas que não atendem ou tem poucos veículos que acomodam esses passageiros. Há também alguns taxistas e motoristas de aplicativos que ainda não aceitam levá-los em corridas devido à falta de espaço no porta-malas por causa dos cilindros de GNV, entre outros empecilhos. As calçadas também melhoraram bastante, porém muitas delas não são adaptadas com rampas de acesso para cadeirantes, piso tátil e sinais sonoros nos semáforos para guiar deficientes visuais. Às vezes não são seguras nem para aqueles que não têm nenhum tipo de dificuldade de locomoção, pois têm buracos, pedras soltas, poças d'água, imagina para aqueles com problemas de mobilidade. Apesar disso, a Copa do Mundo chegou ao Brasil, em 2014, muito mais acessível.



Arquibancadado Beira Rio antes da reforma, sem estrutura acessível - Imagem: site The Stadium Guide.



Beira Rio depois da reforma para a Copa do Mundo de 2014 - imagem: site oficial do Beira Rio

A Copa do Brasil

Brasil, 2014.

O Beira Rio virou estádio oficial da Copa do Mundo do Brasil de 2014. Luis Felipe, com 35 anos na época, teve a oportunidade de ir em quase todos os jogos daquele ano no estádio que agora estava reformado e com local destinado especialmente para PcDs. “É outro mundo, a tecnologia ajudou muito”, comentou. Mas por ser um lugar reformado, o Beira Rio ainda tem algumas problemáticas, como a falta de acesso a cadeirantes nas arquibancadas superiores e a falta de um estacionamento coberto que dê acesso direto ao estádio. Felipe contou que “é diferente da Arena do Grêmio (estádio novo), que o estacionamento tem um elevador que te larga dentro do estádio” e acrescentou que “além disso, a área de cadeirantes do Beira Rio fica muito próximo ao gramado e a gente acaba se molhando quando chove”.

Fernando Balvedi, arquiteto responsável pelo projeto do Beira Rio, explicou que, “salvo um estádio onde o campo também é coberto, é inevitável que a combinação de chuva e vento não molhe alguns assentos em qualquer estádio no mundo”. Ele contou ainda que os prazos de evacuação durante a Copa do Brasil eram muito curtos para seguir os protocolos internacionais e no Beira Rio era a arquibancada inferior que atendia 100% das exigências.

Ele ainda contou que como o corpo do Beira-Rio era uma estrutura da década de 60, as rampas e outros elementos existentes constituíam obstáculos e inclinações muito grandes. “Foram necessárias muitas adaptações, além da inserção de novos elementos, como os diversos elevadores”. Porém hoje o cadeirante tem acesso ao estádio inteiro.“Existem lugares para PcDs na área central (VIP) do anel inferior e na arquibancada superior também, além de lugares para assistir aos jogos sem risco de se molhar, mesmo com chuva e vento”.

A FIFA, órgão responsável pelo evento, exige que os estádios destinados para seus eventos sejam acessíveis e inclusivos. Além disso, eles garantem que cada torcedor chegue aonde quiser, através de um suporte com pessoas responsáveis por conduzir aqueles que precisam de auxílio para chegarem em seus lugares. Daniel Stacciarini, CEO da SKY Company, empresa que montou a infraestrutura técnica dos eventos nos estádios e FIFA Fan Festival contou que as exigências da FIFA combinadas com as leis de acessibilidade do Brasil facilitaram a acesso de PcDs.

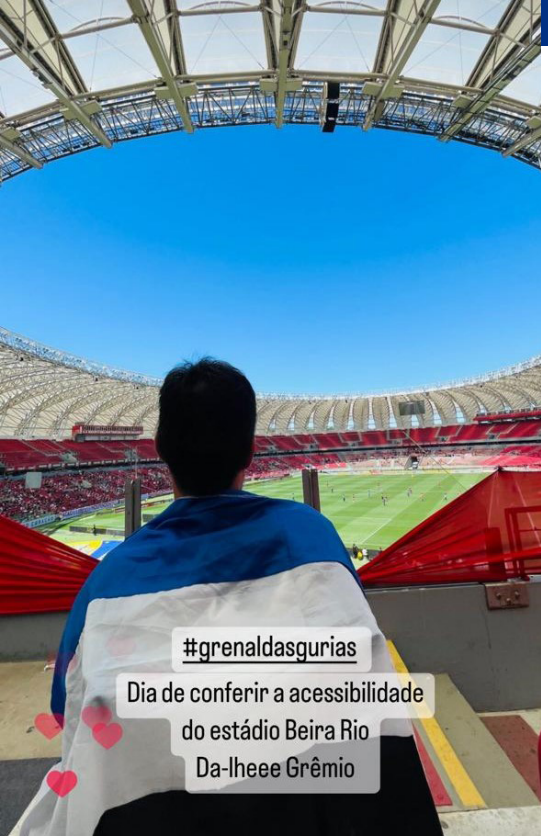
“É muito bem organizado, eles vem te buscar na entrada dos estádios e te levam até o seu local. Os Fan festival eram todos em lugares planos, com fácil acesso. Os stands tinham acesso PcD, mesmo aqueles que ficavam deslocados do chão”, relatou. “Foi muito bem organizado nesse ponto”, completou.

Embora a infraestrutura dos estádios fossem as melhores, muitas pessoas com deficiência não conseguiam assistir aos jogos lá. Mas não estamos falando da falta de acessibilidade, o problema foi a fiscalização. Os preços mais baratos para PcDs, que têm direito ao benefício de pagar meia-entrada em eventos desportivos previsto na Lei Nº 12.933, fez com que alguns torcedores (sem deficiência) comprassem esses ingressos.

Ao chegarem no estádio, muitas vezes se pas-



área acessível na arquibancada livre do estádio Beira Rio - Imagem: Diego Vara / GZH



Felipe no estádio Beira Rio depois da reforma - Imagem: arquivo pessoal

sando por PcDs, esses torcedores não eram orientados a apresentar qualquer identificação que comprovasse sua condição, mesmo com os avisos fornecidos pelos sites e bilheterias de que seria necessário apresentar esse documento na entrada junto com o ingresso. Por causa disso, muitas pessoas que realmente precisavam não puderam ir aos estádios, pois seus lugares especiais já haviam sido esgotados.

Felipe contou que "nunca pediram documento nenhum, nem na copa, nem em jogos normais" e disse que "várias pessoas foram flagradas levantando de cadeiras de rodas". Ele ainda reforçou que as meia-entradas existem também como forma de inclusão. "Nós gastamos com medicações, fisioterapias, consultas, exames, e quando precisamos ir ao jogo geralmente precisamos de um acompanhante, ou seja, temos que pagar dois ingressos. Quando as pessoas roubam esses espaços da gente, estão tirando nosso direito, por isso a fiscalização deveria ser melhor", salientou.


Arquibancada acessível no "Coração do Gigante" depois da reforma - Imagem: site oficial Sport Club Internacional.

A Copa do Catar

Catar, 2022.

Passaram-se 30 anos desde aquele amistoso entre Brasil e Alemanha, no qual uma criança cadeirante precisou assistir o jogo virado de lado para o campo. Leis foram criadas, estruturas acessíveis viraram regra na FIFA, a tecnologia avançou de forma rápida e eficiente. Ainda assim, como já foi dito anteriormente, quando falamos em acessibilidade na Copa, não podemos levar em consideração apenas os locais de evento, também é preciso pensar no transporte público, infraestrutura e serviços. E o Catar pensou em tudo isso e se comprometeu em fazer dessa a copa mais inclusiva da história.

Por ser um país novo, de apenas 51 anos, e um dos mais ricos do mundo, as cidades catarís foram todas projetadas desde sua fundação para serem acessíveis. A arquiteta Aline Medina, brasileira que foi para o Catar há seis meses para trabalhar na sinalização para a Copa do Mundo 2022, contou que você não vai encontrar um cadeirante tentando atravessar a rua no Catar, "mas tudo é acessível aqui, tudo tem rampa e elevador. Mesmo tendo uma escada de um metro tem um elevador para subir essa escada". Aqui é uma cidade toda planejada e com dinheiro, então a acessibilidade está prevista no projeto sempre".

Luis Felipe, que pretende ir à Copa do Catar, mas devido ao adiamento não sabe se conseguirá. Ele já visitou o país e contou que é possível viver e se deslocar tranquilamente na cidade, mesmo sendo uma pessoa com a mobilidade completamente comprometida.

Assim como o Brasil, o Catar assinou a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência em 2008, e procura estar sempre cumprindo esse compromisso. A Copa do Mundo de 2022 é a oportunidade do país mostrar que é possível garantir que todos possam ter a experiência de torcer por seu clube do coração dentro do estádio, sem obstáculos ou preconceitos. A FIFA garante, por meio de exigências para o país que sediará o mundial, que todos os sites e eventos sejam acessíveis. Nos hóteis, o Conselho Nacional de Turismo do Catar desenvolveu um sistema de classificação com exigências mínimas superiores àquelas exigidas pela Federação. Também serão oferecidos serviços para facilitar a inclusão como bilheterias acessíveis e treinamento para aqueles que forem trabalhar em setores da copa, para que eles tenham a capacidade de ajudar pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida a terem acesso a segurança, transporte, hospedagem e alimentação.

Nos estádios, além das áreas especiais para deficientes físicos e pessoas com baixa mobilidade, haverão salas sensoriais para deficientes visuais e intelectuais. Essa já é uma realidade nos estádios do país desde 2017 e os organizadores vão apresentar essa experiência para os turistas PcDs em 2022.

Márcia Cernicchiaro, professora e instrutora de orientação e mobilidade na Associação para Cegos do Rio Grande do Sul (Acergs), formada pelo Instituto Benjamin Constant/RJ, explicou que o melhor caminho para uma sociedade acessível seria a aplicação do Desenho Universal, que garantiria que todos utilizassem os espaços com segurança e autonomia, sem precisar de lugares especiais para PcDs. "Mas sabemos o quanto isso é difícil, por isso devemos aumentar o conhecimento sobre o que é acessibilidade. É preciso garantir às PcDs autonomia e segurança, e nada melhor do que perguntar a eles o que necessitam, além de fiscalizar as leis e que já existem e criar campanhas de conscientização", declarou.

E foi isso que o país sede da Copa fez. Em 2016, o Programa de Acessibilidade do Catar criou um Fórum que reúne governos, ONGs, organizações privadas e representantes de pessoas com deficiência. Esse foi um dos fatores que tornaram esses projetos e medidas, que deverão facilitar a experiência de PcDs durante o evento, possível, pois assim aqueles que vivenciam as dificuldades na prática podem aconselhar os responsáveis pela acessibilização das cidades, para que isso seja feito da melhor forma.

A Copa do Mundo do Catar promete ser exemplo de inclusão social e acessibilidade, tornando o evento possível para todas as pessoas com deficiência. A edição de 2022 tem o objetivo de deixar um grande legado que servirá para todos possam viver essa experiência única nos próximos mundiais. Luis Felipe, que hoje tem 43 anos, viveu todo o processo de acessibilização da sociedade e dos estádios de futebol. Hoje, quando entra em um com pouca, ou nenhuma dificuldade, e assiste às partidas do esporte que tanto ama com dignidade, ele afirma: "É outro mundo!"

BRASIL X CATAR: O QUE TEM DE IGUAL ENTRE PAÍSES TÃO DIFERENTES

Brasil x Catar: o que tem de igual entre países tão diferentes

O pequeno e rico país do Oriente Médio apresenta costumes e tradições um pouco diferentes dos brasileiros e até há quem diga que ambos países não possuem semelhanças entre si

por João Brum e Thaís Soares de Castro

Não é exagero dizer que grande parte da população brasileira conhece pouco ou quase nada sobre o país sede da Copa do Mundo deste ano. O Catar, que foi escolhido para sediar a 22º edição do torneio, já durante a preparação vinha causando diversas polêmicas, muitas delas devido aos seus costumes nada tradicionais entre os países do ocidente.

Entre alguns dos hábitos muito comuns para nós brasileiros e que podem não estar presentes no Catar são o consumo de bebidas alcoólicas, demonstrações de afetos em público e até mesmo a maneira de se vestir. Segunda a Profª. Dra. Francirosy Campos Barbosa, da Universidade de São Paulo, o país árabe tem como religião predominante o islã, eles acreditam em um Deus único e seu mensageiro é o profeta Muhammad. Segundo a antropóloga, os seguidores da religião "creem em todos os profetas e mensageiros anteriores; nos livros sagrados – incluindo o Alcorão; creem nos anjos, no destino e no dia do Juízo Final. Eles praticam o jejum no mês do Ramadan, pagam o zakat que é uma contribuição anual, fazem 5 orações diárias, e fazem a peregrinação a Meca se tiverem condições físicas e econômicas."

O Sheik Rodrigo Rodrigues, natural do Rio Grande do Sul é formado em Educação e Teologia Islâmica na King Saud University na Arábia Saudita, e esteve no país no início do século, hoje ele atua na Liga da Juventude Islâmica do Brasil. Segundo ele, todas as proibições são derivadas de escolhas religiosas. "Tudo aquilo que tira a razão da pessoa é pecado na religião muçulmana e faz parte dos muçulmanos cooperarem uns aos outros naquilo que consideramos virtuoso para nós e se afastar daquilo que é considerado ilícito e nocivo para a religião, saúde e vida das pessoas. Então, é algo comum, normal e natural do meio dos muçulmanos não ter consumo de bebida alcoólica", esclarece.

Ainda de acordo com Rodrigo, outros costumes peculiares do país também têm ligações com questões religiosas, como o uso de roupas que cubram o corpo quase que por completo. Ele explica que: "É uma orientação religiosa, justamente para não banalizar o próprio indivíduo. Tanto o homem quanto a mulher devem andar de uma forma coberta para não se exporem e não serem motivo de cobiça para o sexo oposto. Apesar de ser algo natural, não precisa vulgarizar dentro da religião islâmica."

Ao mesmo tempo que devem andar cobertos, é recomendado que muçulmanos "recatem seus olhares". Com essa expressão, ele quer dizer não olhar o outro de maneira vulgar ou erotizada pois a religião islâmica sempre recomenda a modéstia e evitar motivos que despertam a inveja. Mas Rodrigo deixa claro que: "não é roupa, nem vestimenta, nem palavras ou contato físico que vão impedir a cobiça e abusos".

O contato físico, como toques carinhosos e abraços, é uma das principais características do povo brasileiro. São comuns mesmo entre pessoas que se conhecem a pouco tempo. Porém essa não é a realidade do Catar, homens e mulheres, que não tem parentesco entre si, não podem ter esse tipo de contato. "Ser simpático com tudo e levar para o lado mais afetivo em tudo é algo brasileiro. E no mundo muçulmano, na religião islâmica, existe uma separação entre homem e mulher, sendo muçulmano ou não. Não existe esse contato físico", relata o teólogo.

Gisele no Souq Waqif, mercado tradicional de Doha, Catar/ Arquivo pessoal



Quem teve a oportunidade de vivenciar um pouco dessas experiências foi a paranaense Gisele Dominato, de 42 anos. Em setembro de 2021, a manicure largou sua vida no Brasil e agarrou a oportunidade de trabalhar em um spa no Catar. A manicure tem marcado em sua lembrança as principais proibições que presenciou. Um dos momentos mais marcantes de sua estadia no Catar foi ao ir em um hospital para fazer a avaliação médica exigida pelos empregadores do país.

Entre os exames realizados está o teste de gravidez e caso dê positivo a funcionária estrangeira pode ser obrigada a voltar ao seu país de origem ou até mesmo presa, caso não seja casada. Ela comenta que ao tentar entrar no hospital foi impedida pois estava usando uma calça jeans rasgada no joelho. “Eu estava no país deles, então tinha que respeitar, mas depois fui me acostumando. É obrigatório usar o hijab, que é o lenço que cobre o cabelo, somente ao visitar as mesquitas”, esclarece Gisele.

De acordo com ela, tanto muçulmanos quanto não muçulmanos podem ser presos ao denunciar qualquer tipo de abuso. No caso de mulheres que mantêm alguma relação com homens que não sejam seus maridos, além de serem condenadas a 7 anos de prisão, têm a chance de sofrerem as 100 chibatadas. Isso ocorre mesmo em casos de assédio e abuso sexual. Ela explica que: “Se você estiver em algum bar bebendo e, de repente, te drogarem e você aparecer na casa de alguém e não sabe como isso aconteceu, você pode ser presa e depois tem que pagar uma multa cara pro país te tirar e é o maior transtorno.”

Apesar destas restrições, ela gostou de sua passagem pelo país pois sempre se sentia respeitada. Não havia olhares de estranhos e nem momentos em que era abordada com palavras vulgares. “Falam de machismo mas eu achei que é um país que respeita muito as pessoas, as mulheres, contrariando o que muitos pensam”, conta Gisele que hoje vive em Lisboa, Portugal.



Amanda em passeio pelo Scalline, dunas no deserto do Catar/ Arquivo pessoal

Outra brasileira que pode viver um pouco da cultura do país arabe é Amanda Souza da Cruz, de 29 anos, do Mato Grosso do Sul. Algo que chamou muito sua atenção foram as chamadas para oração. Ela comenta que existiam alto falantes espalhados pela cidade onde tocavam as rezas. Além disso, mulheres cataris precisam de permissão da família ou esposo para ficar na rua após as 21 horas. Mesmo assim evitam sair sozinhas, estando sempre em companhia da família. “Não viajam sem uma irmã, mãe ou esposo, não viajam só com amigas, não dormem na casa de amigos, primos e tão pouco as visitas dormem e visitam elas a qualquer momento”, relata a sul-mato-grossense.

Trabalhando em uma academia no Catar, Amanda pode observar um pouco mais sobre os hábitos do povo, em especial das mulheres cataris. Ela relembra: “Eu comecei a entender e respeitar os costumes delas, são mulheres normais com desejos e sentimentos iguais aos nossos mas com valores familiares muito incorruptíveis. A família vem acima de tudo, mas não são cegas com relação aos desafios diários da rotina familiar, responsabilidade com filhos, marido, etc.”

Para qualquer brasileiro que já visitou o litoral do nosso país está acostumado a ver pessoas entrando em diferentes estabelecimentos somente com a roupa de banho, como biquíni. Essa não é a realidade do Catar, Amanda revela que desde que começou a viver no pequeno país planeja com mais cuidado o que irá vestir durante o dia. “Em alguns lugares também vou com os ombros cobertos por questão de respeito, mas na maioria deles já podemos andar com os ombros de fora. Alguns shoppings não aceitam que você vá de shorts e ombros de fora, principalmente às sexta-feiras, que é o dia da família”, afirma Amanda.

Para ela, a maior diferença entre Brasil e Catar é o fato de que a população tende a não se expressar sobre qualquer mudança que o governo imponha. “Independente se as pessoas gostam ou não das regras impostas, elas seguem. Não expressam a vontade de quererem uma democracia ou expressar livremente que não vão seguir uma determinada regra. E não é pelo medo da punição, mas pelo simples fato de terem as suas necessidades básicas muito bem atendidas”, afirma Amanda.

Mesmo com tantas diferenças, ainda é possível encontrar algo que une os dois países. Os cataris gostam de conhecer outras pessoas, em especial os brasileiros, não nos olhando como pessoas menores que eles. E o amor pelo futebol brasileiro é definitivamente um bom início de conversa com os locais.

Por debaixo do hijabe: a moda escrita por mulheres muçulmanas

A cultura da moda mostra como Brasil e Catar costuram pontes para além do poliéster e das tradições

por Mateus Luz e Michelle Garcia

Gisele no Souq Waqif, mercado tradicional de Doha, Catar/ Arquivo pessoal A vestimenta tradicional vai além da religião. Foto: Unsplash

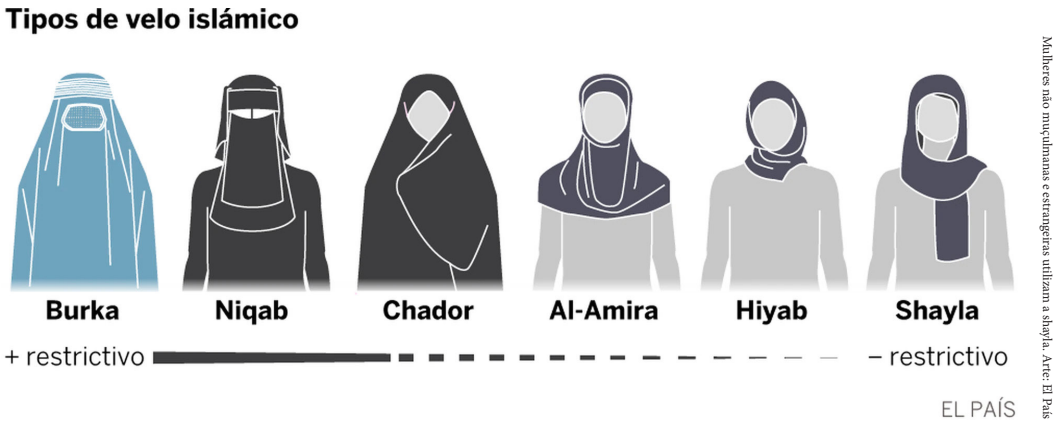


Falastin Zarruk é uma jovem brasileira com ascendência palestina que morou na Cisjordânia durante três anos. Lá, ela desenvolveu suas habilidades com design gráfico e estudou ciências sociológicas do mundo árabe. Em 2010, Falastin lançou seu blog "FayHejab", e o seu canal no YouTube, de mesmo nome, onde começou a dar dicas de como usar o véu islâmico. No ano seguinte, a gaúcha lançou sua primeira coleção, a Fay.Z, onde vendeu todas as peças em um mês.

"Sempre tive uma paixão pela moda, mas percebi que mulheres muçulmanas não eram incluídas no Brasil, e foi natural para mim começar uma marca que representasse a mulher muçulmana brasileira", conta Falastin. A jovem, com 14 anos, decidiu se converter ao Islamismo por opção, tendo sido criada de forma livre. Quando estava na Cisjordânia, ela decidiu fazer uso do véu islâmico por opção e em respeito à cultura. Muitas mulheres pensam que para visitar países árabes precisam cobrir os cabelos e o corpo, porém não é bem assim. As restrições existem, mas para roupas muito decotadas e justas. A barriga, por exemplo, não pode ficar à mostra.

Ao redor do globo, há uma diversidade de vestimentas entre os muçulmanos, que podem refletir diferentes significados. Estas vestimentas podem ser consideradas mais ou menos restritivas em alguns países. No Catar, por exemplo, o vestido usado chama-se abaya, ela cobre o corpo todo e é mais "soltinho". A maioria das mulheres usa preto, mas pode ser de qualquer cor e tecido, com ou não aplicação de pedras e bordados. O vestido é usado há muitos anos, antes mesmo da existência da religião islâmica. Também é muito usado o hijab, que cobre os cabelos e pescoço deixando apenas o rosto à mostra.

Em algumas regiões bem específicas como o Paquistão, Afeganistão e Arábia Saudita, as mulheres usam a famosa "burca" e o "nicabe", que apenas os olhos e as mãos ficam à mostra. Em alguns países da Ásia, como na Indonésia, é usada a al-mira. Há também a shayla, que é um lenço retangular enrolado no pescoço e cruzado na altura dos ombros. Neste caso, o cabelo até pode ficar à mostra. Confira abaixo gráfico relacionando os tipos de véu islâmico com os níveis de restrição:



Mulheres não muçulmanas e estrangeiras utilizam a shayla. Arte: El País

A vestimenta como ferramenta contra o assédio

O uso da vestimenta também pode ser uma proteção contra o assédio. Foto: Unsplash



""Infelizmente, quando visito o Brasil, fico surpresa com os olhares e comentários lamentáveis. Mulher muçulmana, como qualquer outra, não quer ser desrespeitada ou julgada por causa de suas vestimentas", comenta Falastin. Ressignificar os conceitos estabelecidos em respeito ao sagrado faz parte que estes sejam compreendidos pela comunidade. É necessário ter um maior conhecimento sobre os usos do véu, antes de estabelecer paralelos com as formas de vestir tidas na sociedade e do que se quer comunicar com símbolos sagrados.

De acordo com a antropóloga Denise Jardim, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o hijabe é muito mais que um símbolo nacional ou de um traje de identificação. "Para muitas mulheres, é um traje que protege os olhos dos outros, especialmente dos olhares masculinos que são tidos e vistos como olhares pouco domesticados e desejantes".

Reinventar-se dentro do tradicional: a moda modesta



A marca investe em tecidos leves para o clima brasileiro. Foto: iCovered

> *"Estamos deixando de associar a moda modesta a questões religiosas ou culturais. Ela vinha sendo associada apenas à muçulmanas, evangélicas, mas isso vem se desconstruindo."*

Para criar uma realidade mais inclusiva às mulheres muçulmanas, a marca paulista iCovered vê na moda modesta um caminho para empoderar e acolher através dos tecidos cujo imaginário social faltam informações e sobram preconceitos.Fundada por duas mulheres convertidas ao Islamismo, houve a necessidade de suprir a dificuldade de não encontrarem vestimentas adequadas ao clima e à cultura brasileiros. Acolhendo também aquelas que não são adeptas à religião e proporcionando conforto ao se desprender com elegância dos estereótipos impostos.

"Através da vestimenta a gente proporciona não só o acolhimento, mas o fortalecimento da identidade, o empoderamento. A gente pode se sentir bonita, valorizada, respeitada, feminina. A partir disso, a gente tenta passar todas essas mensagens", conta a co-fundadora Beatriz Kehdy. No Brasil, a moda modesta é fortemente vinculada à figura da mulher evangélica, que costuma optar por roupas com pouquíssima exposição ao corpo. Segundo dados de 2020 do DataFolha, a comunidade evangélica representa 31% da população, ou seja, mais de 65 milhões de pessoas.

Os vestidos longos, as calças de boca larga e os macacões fluídos comuns às adeptas e nascidas no Islamismo, entretanto, vem se tornando populares entre pessoas sem nenhuma conexão com a religião. "Estamos deixando de associar a moda modesta a questões religiosas ou culturais. Ela vinha sendo associada apenas à muçulmanas, evangélicas, mas isso vem se desconstruindo", explica a caçadora de tendências Sabina Deweik em entrevista à Revista Vogue.

Vestir para resistir

Para muitas mulheres, o véu tornou-se um meio de resistência aos padrões de beleza feminina, que exigem mais exposição. As defensoras dessa visão argumentam que remover roupas para o benefício do olhar masculino não é igual à liberação. Francirosy Campos Barbosa, professora da Universidade de São Paulo (USP), explica que o código de vestimenta tem relação com a religião e devoção a Deus quando se trata das mulheres. "Aos homens se pede também um cuidado no modo de se vestir, mas eles não vestem roupas de seda e não usam ouro, por exemplo", argumenta.

Apesar de todos os preconceitos que rodeiam a vestimenta, Falastin conclui: "O hijabe é aconselhado no Islã, mas tambem acreditamos na liberdade de decisão de todos, independente do sexo. Forçar alguém a usar o tecido é considerado pecado." Opressão é uma palavra fortemente lançada contra mulheres que usam o hijabe. E a cultura ocidental segue resistente em respeitar que também há a possibilidade de utilizar a vestimenta por decisão própria, não somente por motivos de fé.

A ironia da Copa no Catar

Sede da Copa do Mundo de 2022, o Catar não é o país do futebol e tem o críquete como um dos seus esportes mais tradicionais

por Nataly Porto

A paixão do brasileiro pelo futebol não é tão universal como se pode imaginar. Três anos após sediar a final do Mundial de Clubes, o Catar recebe a Copa do Mundo 2022, evento que enche os olhos dos torcedores, mas, diferente do Brasil, o Catar não é o país do futebol e os cataris não vibram a cada segundo dos 90 minutos dentro de campo.

A corrida de camelos, pouco conhecida em outros lugares do mundo, e a falcoaria, onde o falcão com um acessório que cobre sua visão fica no braço do seu adestrador até receber um sinal com o objetivo de chegar mais depressa a um pedaço de carne suspenso por uma corda. Estes são esportes incluídos na vida dos cataris desde cedo, se encaixam melhor que o futebol no gosto esportivo dos mesmos. Além da grande repercussão, essas atividades também movimentam milhões em prêmios no Oriente Médio.

O jornalista Tiago Leme observou de perto a falta de interesse no futebol ao acompanhar o Mundial de Clubes com um público formado em sua grande maioria por brasileiros e estrangeiros. O críquete também é um esporte bastante popular no país, principalmente pela classe operária, mas chegou ao Catar por meio de imigrantes indianos e bengalis, que ensinaram para os árabes e acabou se tornando uma atividade bastante praticada entre as crianças muçulmanas, segundo o relato da brasileira Amanda Souza da Cruz, 29, que reside no país desde 2019.

A capitã da Seleção Brasileira de críquete, Roberta Avery, relata sua experiência como jogadora do primeiro país que definiu como profissional a seleção feminina antes mesmo da masculina. Enquanto isso, outros países, como Inglaterra, Austrália, África do Sul e Caribe correm atrás do prejuízo da exclusão da mulher do esporte – sendo a sede da Copa deste ano uma das principais amostras dessa realidade. Entretanto, não foi no Catar ou na Índia que o críquete entrou na vida de Roberta, foi no Brasil. Mesmo sendo uma atleta consolidada no golfe, com uma ótima posição no ranking, mais especificamente em 2013, o críquete se transformou no seu esporte número um, apenas um ano depois já estava fazendo parte da Seleção Brasileira, que é tetracampeã da América do Sul. O esporte levou Roberta a ter experiências jamais imagináveis e a conhecer boa parte do mundo, além de ser hoje o principal nome do críquete feminino brasileiro.



Roberta em um jogo de Críquete em Dubai

Diferente do futebol, no críquete as jogadoras são contratadas para jogar um campeonato específico, Roberta foi contratada em 2022 e 2023 para jogar o campeonato FairBreak que ocorreu este ano em Dubai e ano que vem acontecerá em Hong Kong. Portanto, ela não representa o Brasil nestas ocasiões e joga com meninas do mundo inteiro. “Podemos dizer que é como se fosse uma Copa do Mundo e eles chamam jogadores de todos os países para montar os times”, explica a brasileira. Outra questão, é que no críquete o capitão é quem comanda seu time, seleciona a parte técnica e estratégica. O técnico não pode ditar nada do lado de fora para o lado de dentro, todas as decisões são tomadas pelo capitão. Enquanto no futebol o dono da braçadeira é um líder só dentro do campo, quem toma as decisões estratégicas e técnicas é o treinador.

Roberta garante que não há um time feminino do esporte no Catar, mesmo ainda não tendo a oportunidade de conhecer o país. No Brasil, não há um gênero principal, meninos e meninas jogam, ocorre de jogarem juntos em boa parte das vezes. Países com grandes times, como o Afeganistão, não tem time feminino e sofrem pressão do Asian Cricket Council (ACC) - a Federação Internacional de Futebol do críquete -, pois se eles não desenvolverem uma seleção feminina, há chances de perderem os benefícios financeiros que recebem. Portanto, existe uma imposição para que esses países investem no esporte feminino.

O que vai de encontro com uma das missões de Roberta, que vê como um grande legado

representar as mulheres no esporte. “O que eu faço é pensar na menina que está pegando no taco e na bola pela primeira vez. Quero que ela acredite que pode ser jogadora da Seleção e que pode ser muito mais do que a sociedade determina que ela pode ser”, conclui a jogadora. Muito conhecido – não por brasileiros – o críquete lhe concedeu a realização do sonho de ser uma atleta profissional.

O esporte, que já esteve presente nos Jogos Olímpicos de Verão de 1900, está sendo cotado para as Olimpíadas de 2028. Isso proporciona uma maior exposição e faria o críquete ser conhecido para além do país do Oriente Médio. “Eu acho que levar o críquete para mais estados e ter o esporte nas Olimpíadas vão ser duas formas que vão mudar muito a visibilidade do esporte no Brasil”, almeja Roberta. A mesma lógica se aplica ao futebol no Catar. Ser a sede da Copa do Mundo de 2022 ajuda na visibilidade e desperta, ainda mais, o interesse pelo esporte. No entanto, os cataris terão que suar a camisa para chegar perto da loucura e paixão desenfreada do brasileiro ao ver sua Seleção em campo.

“Eu acho que levar o críquete para mais estados e ter o esporte nas Olimpíadas vão ser duas formas que vão mudar muito a visibilidade do esporte no Brasil”

Denise / Arquivo Pessoal



A CAMINHO DO HEXA

A caminho do Hexa: os nomes que podem escrever a história

por Gabriel Niquele e Mauro B. Pereira

As expectativas para esta copa estão muito altas por parte da torcida brasileira. O forte elenco, alinhado com um bom trabalho do técnico Tite, trouxeram segurança para os torcedores poderem sonhar com o hexacampeonato. Além disso, o Brasil conquistou a melhor campanha da história das eliminatórias sul-americanas da Copa. Desta forma, é importante lembrar como cada parte dessa engrenagem melhorou e principalmente como chegar cada peça da seleção para esta copa do mundo.

Qualidade técnica

Com 76 jogos à frente da seleção, e apenas duas derrotas, o técnico vai para a sua segunda Copa do Mundo treinando o Brasil. Conhecido pelo sólido sistema defensivo e pela organização em campo, ele foi o responsável por levar o Brasil ao Catar com tamanha expectativa pela torcida. Afinal, já anunciou que deixará a seleção brasileira após o Mundial, e está sendo especulado em diversos clubes da Europa. É possível esperar grandes jogos destes que serão seus últimos comandando o Brasil e com isso, esperar grandes atuações dos jogadores da amarelinha.

Segurança no gol

Embaixo das traves, o titular é o goleiro Alisson, de 30 anos, jogador do Liverpool, da Inglaterra. Revelado pelo Internacional, chega para esta Copa do Mundo tão bem quanto na anterior, em 2018. Destaque no seu clube, o profissional que saiu do Brasil em 2016 para atuar na Roma, vem sendo um dos expoentes da posição na Europa desde então, sendo inclusive eleito o melhor goleiro do mundo em 2019, pela Fifa. Em 2022, chega extremamente seguro para defender a meta da seleção e conta com a confiança de todos: técnico, torcida e companheiros. Além dele, os dois goleiros reservas, Ederson e Weverton, de 29 e 34 anos respectivamente, também apresentam atuações consistentes em seus clubes, além de terem feito ótimas aparições pela seleção.

Os donos da zaga

Partindo para o ataque, onde tem as principais esperança de gols, o Brasil está bem servido. Com diversos nomes em alto nível, Tite terá "uma dor de cabeça" (termo usado quando se tem poucas vagas e muitas opções boas) para resolver. Faltando poucos dias para a Copa, diversos atacantes pelo mundo estão atingindo o seu mais alto nível, e deixando o treinador na dúvida de quem levar para o grupo de 26 atletas. Entre os nomes garantidos, está o de um gaúcho.

O porto-alegrense da Restinga, Raphinha, de 25 anos, uniu todos os gaúchos para torcer pela seleção brasileira novamente. O atacante tem feito grandes atuações pelo Barcelona e pela seleção brasileira com sua velocidade, dribles e finalizações. Ele tem sido peça importante no elenco do todo poderoso Barcelona, com seu estilo de jogo de pressão intensa, buscando o contato da bola e o gol, está liberando todo o potencial do atacante gaúcho.

E toda seleção campeã precisa de um grande camisa 10. O principal nome da seleção brasileira, Neymar, de 30 anos, do Paris Saint-Germain, vai para sua terceira Copa do Mundo. Ele, que já é considerado como um dos maiores jogadores da história, e isto fica visível quando analisamos seus números por clube e seleção, vive grande fase. Com seu estilo de jogo mais livre e decisivo, que tem feito dele uma espécie de maestro em campo, busca escrever seu nome na história definitivamente.

O brasileiro destaque do momento, Vinicius Junior, de apenas 22 anos, tem atraído atenção pelo seu talento com a bola, futebol alegre e gols marcados. Atual campeão da Liga dos Campeões com o Real Madrid, foi dele o gol do título. Eleito recentemente como oitavo lugar na lista do prêmio Bola de Ouro, Vini tem sido elogiado por grandes nomes da história do futebol e chega na sua primeira Copa como esperança de muitos gols pelo lado esquerdo do campo.

E por falar em camisas, o centroavante camisa 9 é outra peça importante, e na seleção, Tite possui dois jogadores que assumem a função e correspondem muito bem. O centroavante titular da seleção atualmente, Richarlison, de 25 anos, destaque pela sua identificação com a amarelinha e pelo seu estilo de jogo rápido e decisivo, vêm atraindo atenção pelas suas atuações no Tottenham, atual clube na Inglaterra, aliando sua velocidade com a capacidade de finalização. Recuperado de lesão e com a confiança dos torcedores, é um dos candidatos para a artilharia da Copa e para levar a seleção longe na competição.

E recentemente transferido do Manchester City para o Arsenal, o antigo camisa 9, Gabriel Jesus, também de 25 anos, voltou a ser destaque na Inglaterra. Após os últimos anos jogando pelos lados, Jesus voltou a jogar centralizado e encantou os torcedores ingleses com gols e assistências que ajudaram a colocar o clube na liderança isolada do campeonato. Após uma Copa do Mundo em 2018 ruim, sem marcar nenhum gol, o atacante vai para o Catar como homem de confiança do Tite.

Outros possíveis nomes para o ataque brasileiro incluem Antony, jovem de 22 anos destaque no Manchester United, Rodrygo, também de 22 anos que junto ao Vini Junior tem conquistado relevância no elenco estrelado do Real Madrid, além de Pedro e Éverton Ribeiro, de 25 e 33 anos, respectivamente, ambos do Flamengo, embalados pela recente conquista da Libertadores chegam com moral para a Copa do Mundo para colaborar com a seleção de Tite.

Uma geração com uma qualidade inquestionável. É fato que este grupo tem muita expectativa e tende a ficar marcado na história. Responsáveis por unir e trazer de volta ao povo a vontade de torcer pela Seleção, o elenco, no Catar, busca realizar o sonho do menos ao mais apaixonado torcedor da seleção: o hexacampeonato.

A BELEZA ENTRA EM CAMPO NO CATAR

A beleza entra em campo no Catar

Em época de Copa do Mundo tem quem veja outros benefícios dentro das quatro linhas. Além das habilidades no futebol, os jogadores também chamam atenção por seu padrão de beleza

por Gabriela Rodrigues e Lisiane Klutzke

Que o futebol é um dos esportes favoritos ao redor do mundo não é novidade para ninguém. Durante a Copa do Mundo 2022 no Catar, há expectativa por todos os lados, seja para se reunir com os amigos, vestir a camiseta verde amarela, ou até aproveitar para ter o famoso "date". Que romântico né?

Além disso, temos que confessar que nem só a bola entrando no gol é digno de se admirar, há também a fonte principal para esse evento acontecer, que brilha ainda mais, os jogadores de futebol. Sejam de pernas mais volumosas, sorrisos mais bonitos ou, até mesmo, as danças após um gol, são aqueles que "elas gostam".

O que se entende por beleza

Assim como a comida favorita de uns pode ser diferente de outros, o gosto pessoal por alguém, física e intelectualmente, pode variar - o que não invalida nenhuma opinião. A beleza por si só pode ser entendida como uma construção durante os anos pela própria sociedade que, com o tempo, mudou os padrões mais "aceitos" e "menos aceitos".

Para a psicóloga Juliana da Silveira Souza, que trabalha há cinco anos na área da terapia cognitivo-comportamental, onde se explica a forma como os seres humanos interpretam os acontecimentos na sua vida e como este fato os afeta, o "ser feio ou bonito" pode ser entendido como uma opinião própria. Isso sem que seja considerada uma verdade absoluta, podendo variar de pessoa para pessoa, cultura para cultura e de época para época.

A beleza dentro dos campos

Para o futebol, a construção de opinião para quem é "o mais gato" entre os jogadores não é diferente. Há quem prefira os mais altos, os tatuados, ou até os famosos com camisa 10. Mas podemos perceber que há opiniões diferentes no que se entende por "feio" e "bonito" entre homens e mulheres. Juliana explica que entre o sexo feminino e masculino há uma grande diferença no que se atrai em questões físicas e emocionais. Elas procuram determinadas características, enquanto eles estão em busca de algo diferente.

Em relação ao que atrai mais as mulheres, a psicóloga explica que existem estudos que revelam que a atração física por outra pessoa é resultado de uma forma de "manter a espécie". Ou seja, algumas características como força, altura e boa saúde física podem ser determinantes. Já para os homens, não há como não referenciar Valeska Zanello, criadora da "prateleira do amor". Essa metáfora mostra a forma como nós, mulheres, somos objetificadas e colocadas em diversas prateleiras ao longo da vida para que homens possam ditar nosso valor e escolher a preferida.

No Brasil, no topo da prateleira estão as mulheres brancas, louras, magras, jovens e sem filhos. A prateleira é racista, sexista e misógina. "É óbvio que essa metáfora não define o valor de cada mulher, mas serve como um parâmetro, segundo o pensamento masculino, para que este homem tenha sua masculinidade validada perante a sociedade", explica Juliana.

A beleza vista da arquibancada

Para o futebol, a construção de opinião para Mas será mesmo que os torcedores curtem essa parte da copa? E você, costuma avaliar a beleza dos jogadores das seleções? Tem gente que nem assiste o jogo, só acompanha a "passarela" dos atletas. E tem os que não vêem sentido em misturar esporte e padrão de beleza. Para Mariana Silva, 25 anos, fã assídua das edições da Copa do Mundo, a beleza de um jogador vai além das características físicas.

Na hora de avaliar o quão bonito é o atleta, ela leva em consideração muito mais a entrega dentro de campo e a postura fora dele ao apenas escolher de acordo com a preferência de determinados traços em sua aparência. Declara que admira muito um dos jogadores mais cotados da seleção brasileira para a edição da Copa no Catar este ano por jogar bem, mas não consegue gostar dele muito além disso por conta de sua conduta extra-campo. Ainda afirma ser uma torcedora apaixonada pelo sentimento que este tipo de evento causa a cada quatro anos.

A fã da copa acompanha a competição desde 2006 e diz que o que importa é dentro de campo. "O jogador se doando, jogando com raça, faz dele até mais bonito. Mas um bonito que não entrega no gramado vai com Deus, sem chances". Questionada se já tinha escolhido qual o mais gato dessa edição da copa, ela respondeu: "Mas sem dúvidas escolho o goleiro Alisson. Além de uma beleza incomum para um jogador de futebol, o cara é simpático (falo com propriedade, pois já o vi e conversei pessoalmente kkkk) e é um dos melhores goleiros do mundo, titular da seleção e ídolo por onde passa".

O jogador mais gato da copa de 2022

Foi realizada uma pesquisa pela equipe da redação desta editoria com o seguinte questionamento: “Qual o jogador mais bonito da Copa 2022?”. Para tal pergunta foram selecionados os destaques das seleções, com base no que se tem visto e ouvido na mídia, que compõem a edição da competição deste ano. O questionário possuía vinte e sete nomes com as respectivas fotos, onde se podia escolher mais de uma opção. A pesquisa circulou durante duas semanas entre os alunos dos cursos de Comunicação do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter).
O intuito, além de conhecer o jogador mais gato da copa, foi de entender quais os padrões utilizados para escolher seu jogador favorito, seja o padrão de beleza física ou apenas por conhecer o jogador.

“O jogador se doando, jogando com raça, faz dele até mais bonito. Mas um bonito que não entrega no gramado vai com Deus, sem chances.”

TOP 3

Terceiro lugar



(Kylian Mbappé - Reprodução/Internet)

Em terceiro lugar temos Kylian Mbappé, o atacante da seleção francesa atua no Paris Saint-Germain, tem vinte e três anos e foi eleito a revelação da copa de 2018 na Rússia.

Segundo lugar



(Robert Lewandowsk - Reprodução/Internet)

O polonês Robert Lewandowsk é o segundo jogador mais gato da copa. Atacante com muitos prêmios em sua trajetória, como o de Melhor Jogador Masculino da FIFA em 2020 e em 2021, com trinta e quatro anos é o jogador mais cotado para a sua seleção neste ano.

Primeiro lugar



(Alisson Becker - Reprodução/Internet)

A Copa do Mundo é um evento que atrai muito mais que pessoas interessadas por futebol. Da cultura ao entretenimento, muitos são os olhares voltados para a competição, um deles é para a beleza dos jogadores, como comprova a pesquisa respondida pelos alunos de comunicação. E aí, o que você achou? Você também escolheria esse top 3? Pesquisa aprovada? Não se preocupe, daqui há quatro anos tem mais. Mas não esquece, o “padrão de beleza” quem escolhe é você, e tá tudo bem. Até a próxima!

Uma cobertura de gaúcho pra gaúcho

Repórteres do Grupo RBS embarcam para Copa do Mundo do Catar e prometem cobertura bairrista na busca do Brasil pelo hexa

por Ana Vieira e Lucas de Oliveira



Equipe que vai ao Catar já foi anunciada. Crédito: Camila Hermes/Agência RBS.

A convocação já está confirmada e divulgada para a Copa do Mundo, ao menos a do Grupo RBS. Com o slogan "bora sextar", serão 16 profissionais escalados para cobrir a busca do Brasil pelo Hexa direto do Catar. O objetivo é oferecer jornalismo, esporte e entretenimento de qualidade para todo o Rio Grande do Sul. Além de todo o conteúdo em vídeo, tudo sobre a Copa estará em colunas diárias e reportagens em todos os produtos que o Grupo dispõe.

Convocado pela quarta vez para uma Copa do Mundo, Rodrigo Oliveira, repórter da Rádio Gaúcha e Zero Hora, não escondeu a ansiedade que uma cobertura da Copa do Mundo traz. "Os dias mais agradáveis da cobertura são os dias do anúncio oficial, que é tudo festa, e o dia que tu volta, quando o trabalho foi bem feito", expressa. Ele conta que só relaxa depois que acaba porque entre esses dias é tensão total. "É uma pressão e adrenalina para produzir um bom conteúdo".

O Grupo RBS está proporcionando um curso de imersão com aulas sobre história, cultura, política e costumes do Catar. Além disso, os jornalistas também estudam sobre o contexto geral de todas as seleções que irão passar pela Copa. Oliveira ressalta que conciliar os estudos com a rotina é o primeiro grande desafio da cobertura. "Estou colocando na minha rotina, que já é bem ocupada, muitas horas para estudar as seleções e o país da Copa. Eu quero chegar lá sabendo tudo", relata.

O torcedor que acompanha as Copas não imagina como são os bastidores de uma cobertura jornalística de um evento de tamanha magnitude para que a informação chegue o mais rápido possível até sua televisão, rádio, smartphone ou jornal. O planejamento é realizar uma cobertura multiplataforma, com grande volume de conteúdos exclusivos.

Tiago Cirqueira, gerente-executivo de esporte do Grupo RBS, ressalta que a Rádio Gaúcha é a única emissora licenciada para a Copa no Sul do Brasil. "Isso mostra a crença da nossa

empresa em investir em jornalismo e conteúdo esportivo. Teremos mais de 200 profissionais, além dos 16 Jornalistas que vão estar lá. Todos envolvidos em uma cobertura que ajudará a renovar o orgulho de torcer", classifica.

Além dos jogos, uma programação especial será montada para que o público tenha todas as informações. O programa 'Sala de Redação' terá edições especiais depois das partidas do Brasil, enquanto o 'Gaúcha na Copa' marcará presença antes e depois das transmissões - ambos com transmissão em vídeo pelo YouTube. "O trabalho vai ser alucinante, como foram nas outras Copas. É uma pressão e uma adrenalina boa, mas é misto de sensações, né? Uma expectativa boa por fazer um evento grandioso e ao mesmo tempo essa ansiedade", conta Oliveira.

O Grupo RBS promete realizar uma cobertura diferente, com conteúdos que só o público que acompanhar vai ter conhecimento, sem repetir informações de outros portais. Ademais, haverá uma comunicação direta com os gaúchos, conectando histórias do Rio Grande do Sul ao Catar. "Acho que a grande diferença é a visão gaúcha. Quando se tem um grande acontecimento, seja nacional ou internacional, o povo brinca que a Zero Hora já encontrou um gaúcho lá no meio. Apesar da brincadeira, isso é verdade e são estes os conteúdos que mais rendem, é uma necessidade que o gaúcho tem, uma demanda que levamos, a RBS proporciona o ponto de vista do gaúcho nos fatos", explica Rodrigo Oliveira.

Para Claudio Toigo, presidente-executivo do grupo, contar com uma equipe direto do país-sede da Copa do Mundo cumpre com o propósito da empresa: "oferecer jornalismo, esporte e entretenimento de qualidade, sempre onde a notícia está e com o olhar dos gaúchos".



Arte: Agência RBS. Além de Tiago, estarão in loco no Catar: Alice Bastos Neves, André Gonçalves, Diogo Olivier, Eduardo Gabardo, Geder Fernando, Kelly Costa, Leonardo Oliveira, Luciano Périco, Luciano Potter, Maurício Saraiva, Pedro Ernesto Denardin, Rhadam Miranda, Rodrigo Adams, Rodrigo Oliveira e Zé Alberto Andrade.

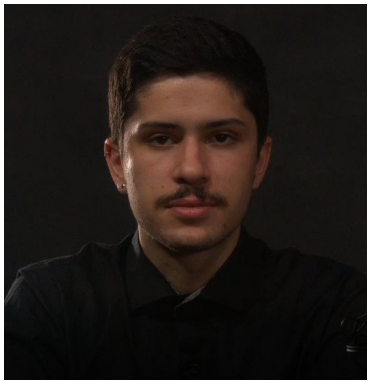
A rádio Gaúcha fará a cobertura dos 64 jogos do torneio, desde a abertura, no dia 20 de novembro, até o dia 18 de dezembro, quando o Estádio Lusail receberá a final. A expectativa é fazer um conteúdo exclusivo e de gaúcho para gaúcho, onde quem perder a cobertura, perderá o conteúdo.

"Quando tem um grande acontecimento, seja nacional ou internacional, todo mundo brinca e fala que a Zero Hora, a RBS vai encontrar alguém lá no meio. Mas apesar da brincadeira, isso é uma demanda que nós temos, o gaúcho precisa disso, dessa visão do gaúcho. É exatamente isso que RBS proporciona. Se eu ligar o Rio Grande do Sul ao Catar, eu to feito", expressa Rodrigo Oliveira. O jornalista ainda ressalta que os conteúdos exclusivos serão outro diferencial.

"Isso ninguém me fala, eu me cobro. Mas, ninguém pode me ouvir e ler para consumir algo que já saiu em outros portais. Quem me acompanha e acompanha a RBS tem acesso a algo único", conta Rodrigo.

"Quando tem um grande acontecimento, seja nacional ou internacional, todo mundo brinca e fala que a Zero Hora, a RBS vai encontrar alguém lá no meio."

AS MÃOS QUE FIZERAM



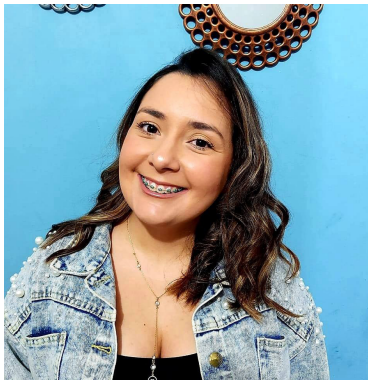
@doctor_arthur - Arthur Vieira



@adannyoliveira - Danielly Oliveira



@edudeverdade - Eduardo Silva



@emilenagoncalves - Emilena Gonçalves



@eugabro_ - Gabriela Rodrigues



@jadersomsimoes - Jadersom Simoes



@jessicaja- Jessica Jacinto



@joaobruum - João Brum



@error404.johan - Johan Strassburger



@gniquele - Gabriel Niquele



@josiicarol - Josiele Araujo



@bartogrando - Juliana Barbieri



@leo_oliveira1210 - Leonardo de Oliveira



@lisiane_klutzke - Lisiane Klutzke



Lucas Oliveira

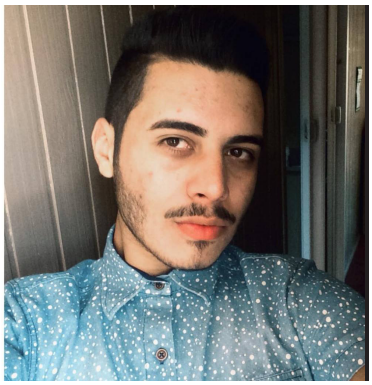


@dudabittenco_ Maria Eduarda

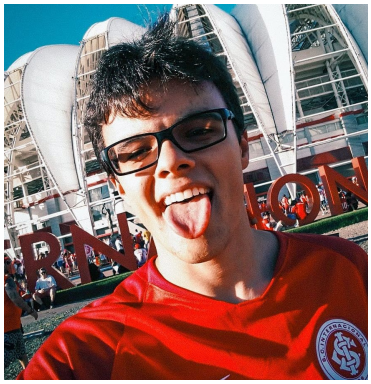
ESSA EDIÇÃO



@bedemarilia - Marilia Bede



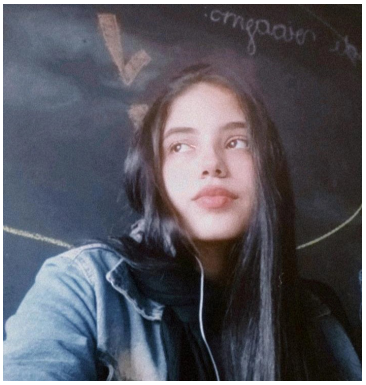
@themateusluz - Mateus Luz



@maurobpereiraa - Mauro B. Pereira



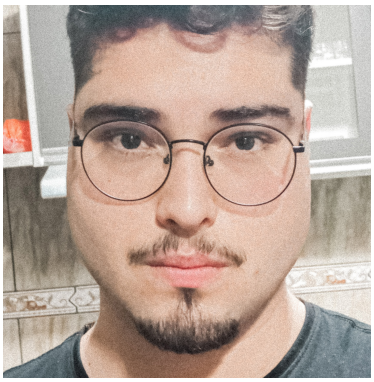
@michgarcias - Michelle Garcia



@natyvporto - Nataly Porto



Nathália Padilha



@leites_patrick - Patrick Almeida



@rafaelbrum01 - Rafael Brum



@tata_scastro - Thaís de Castro



@vazevedoferraz - Vanessa Ferraz



Vinicius Vasata

Participaram também as alunas Ana Paula Vieira Huf e Seane Lennon da Silva Souza.



Karoline Cardoso
Projeto gráfico e diagramação



Mely Paredes
Professora da disciplina Práticas em Jornalismo: Revista

pensar & fazer juntos

A Comunicação está sempre em transformação. Informar, persuadir e refletir não cabem mais como novidade no vocabulário de um comunicador. Por isso, as áreas que até pouco tempo tinham barreiras entre si, hoje precisam umas das outras para se fazer ouvir, ver e entender. O mundo é complexo, a realidade é diversa e é preciso ter percepção apurada, criticidade e empatia para compreender o contexto contemporâneo. É para isso que a FACS forma profissionais com olhar transversal, pensamento crítico e sensibilidade social.

A FACS ensina a pensar. A FACS ensina a fazer. Juntos.

facs.uniritter.edu.br @FACSUniRitter @facsuniritter

@facsuniritter FACS UniRitter

FACS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

UniRitter